



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MOISÉS CAVALCANTI BEZERRIL

**A TOPONÍMIA INDÍGENA DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS: TERMINOLOGIAS
INDICADORAS DE RECURSOS NATURAIS E CONDIÇÕES DE VIDA ENTRE OS
SÉCULOS XVIII e XIX**

JOÃO PESSOA

2024

MOISÉS CAVALCANTI BEZERRIL

**A TOPONÍMIA INDÍGENA DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS: TERMINOLOGIAS
INDICADORAS DE RECURSOS NATURAIS E CONDIÇÕES DE VIDA ENTRE OS
SÉCULOS XVIII E XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Letras, Língua Portuguesa.

Orientadora: Dra. Carolina Coelho Aragon

**João Pessoa
2024**

**Catálogo na publicação
seção de Catalogação e Classificação**

B574t Bezerril, Moisés Cavalcanti.

A toponímia indígena dos municípios paraibanos :
terminologias indicadoras de recursos naturais e
condições de vida entre os séculos XVIII e XIX. /
Moisés Cavalcanti Bezerril. - João Pessoa, 2024.
48 f.

Orientadora : Carolina Coelho Aragon.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Topônimo - Paraíba. 2. Tupi. 3. Etimologia. 4.
Taxionomia. I. Aragon, Carolina Coelho. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'373.21

MOISÉS CAVALCANTI BEZERRIL

**A TOPONÍMIA INDÍGENA DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS: TERMINOLOGIAS
INDICADORAS DE RECURSOS NATURAIS E CONDIÇÕES DE VIDA ENTRE OS
SÉCULOS XVIII E XIX**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado à Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Letras, Língua Portuguesa.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Coelho Aragon (DLPL-PROLING-UFPB)
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Juliene Pedrosa (DLPL-MPLE-UFPB)
Examinadora Interna
Universidade Federal do Paraíba

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (DLPL-UFPB)
Examinadora Interna
Universidade Federal do Paraíba

Prof. Dr. Leonardo Gueiros (DLPL-UFPB)
Universidade Federal da Paraíba
Suplente

Há aqui um sentimento nacionalista que se quer integrado e vívido, como que a dizer que, da raça americana, vencida, nem tudo se perdeu e que se, no sangue dos descendentes, a dosagem diminui a se apagar, a memória dos primitivos íncolas perdurará com os nomes dos lugares onde a civilização ostenta seus triunfos (Sampaio, 1987, p. 41).

Agradecimentos

Agradeço a Deus, sempre, por tudo que me proporcionou e por ter me guiado nessa jornada.

Agradeço a Denilde, esposa amada, que sempre fazia minhas matrículas semestrais, até mesmo sem combinar comigo; me incentivou a estudar até o último dia do curso; aos meus queridos filhos Moisés Filho, Camilla Rocha e Guilherme Bezerril, por terem participado direta e indiretamente dessa minha temporada na UFPB, muitas vezes indo todos juntos comigo no carro para a aula, pois todos éramos estudantes do mesmo período, no mesmo horário e na mesma UFPB.

Agradeço a doutora Carolina Coelho Aragon, por ter me aceitado como aluno, e pela paciência durante um ano, pela transmissão de muitos conhecimentos da disciplina desta pesquisa, e pelas excelentes correções e diretrizes que me deu durante minha pesquisa.

Agradeço aos membros desta banca, Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida e a Profa. Dra. Juliene Pedrosa, das quais também fui aluno, por terem aceitado fazer parte da minha banca, o que para mim é uma honra, e pelas colaborações na correção acadêmica deste trabalho.

Minha gratidão também fica aqui a todos os meus professores, excelentes mestres, sábios, educados, acolhedores e inspiradores do conhecimento das ciências humanas.

Gratidão também para com todos que fazem a UFPB, que foi minha escola e minha casa, local onde sempre fui muito bem recebido, acolhido e respeitado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I. TOPONÍMIA: POSTULADOS TEÓRICOS GERAIS.....	13
1.1 Conceito, origem e método toponímico.....	13
1.2 Classificação segundo Dick e os estudos atuais.....	15
1.3 Fundamentos e método da toponímia indígena brasileira.....	17
II. METODOLOGIA.....	19
III. O ESTADO DA PARAÍBA.....	25
3.1 Aspectos físicos e naturais.....	25
3.2. Os Habitantes, a fauna e a flora antes da chegada dos colonizadores.....	26
IV. TOPÔNIMOS INDÍGENAS DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS.....	27
4.1 Apresentação do estudo toponímico.....	27
4.2. Exegese dos dados.....	36
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXO 1.....	49
ANEXO 2.....	50

RESUMO

A Paraíba chama a atenção por apresentar um número significativo de municípios com nomes de origem indígena. Contudo, há pouca informação sobre a etimologia, a estrutura e a taxonomia, muito menos sobre os reais motivos da escolha daquele nome, ou seja, a razão daquela cidade ter aquela denominação. Inevitavelmente esse quadro interfere na transmissão de dados sobre a história e a identidade dos habitantes daquele espaço geográfico, e parte do conhecimento daquela cultura acaba se perdendo. Por essas razões, projetos de atlas toponímicos têm sido temas de graduação e pós-graduação em diversas universidades do país, como Mato Grosso do Sul, Sergipe, Minas Gerais, São Paulo, Acre, Bahia, Rio Grande do Sul, Amazonas, e outros. Assim, a ideia de um dicionário toponímico surgiu em diversas partes do Brasil. Logo, este trabalho se insere na possibilidade de contribuir para um possível atlas ou dicionário toponímico da Paraíba. É a partir desse contexto que se estabelece o objetivo geral desse Trabalho de Conclusão de Curso, o de fazer uma interpretação geolinguística de topônimos para se chegar a uma possível descrição de como as terminologias acrescentam dados informativos ao conhecimento sobre os recursos naturais e condições de vida na Paraíba entre os séculos XVIII e XIX. As pesquisas foram realizadas a partir de modelos de outros trabalhos já existentes. Para o estudo linguístico como, etimologia, estrutura morfológica, taxonomia toponímica, foram utilizados dicionários mais tradicionais da língua Tupi como, Sampaio (1987), Tibiriçá (1984,1985) Bueno,(1987), Cunha (1989), Clerot (1969), Carvalho (1987) e Navarro (2013). Para a interpretação dos dados seguiu-se os postulados em trabalhos de Dick (1981, 1990, 1994), bem como de Isquerdo (2019). Os resultados desta pesquisa mostram que os topônimos dos municípios paraibanos estão mais associados aos elementos físico-naturais, como animais, plantas, rios, lagos, enseadas, florestas, morros, serras. O estudo desta toponímia revelou conhecimento sobre parte dos recursos naturais disponíveis e condições de vida na Paraíba dos séculos XVIII e XIX. Outros topônimos indicaram a antiguidade e originalidade de espaços geográficos. Constata-se, portanto, que o estudo toponímico de uma área geográfica, de fato, "representa naturalmente um resgate de características ambientais perpetuadas nos nomes de lugares"(Isquerdo, 2019, p. 12).

PALAVRAS-CHAVE: Topônimos, Tupi (tupinambá), Paraíba, Etimologia, Taxonomia.

ABSTRACT

Paraíba draws attention for having a significant number of municipalities with names of indigenous origin. However, there is little information about the etymology, structure and taxonomy, much less about the real reasons for choosing that name, that is, the reason that city has that name. Inevitably, this situation interferes with the transmission of data about the history and identity of the inhabitants of that geographic space, and part of the knowledge of that culture ends up being lost. For these reasons, toponymic atlas projects have been undergraduate and postgraduate topics at several universities in the country, such as Mato Grosso do Sul, Sergipe, Minas Gerais, São Paulo, Acre, Bahia, Rio Grande do Sul, Amazonas, and others. . Thus, the idea of a toponymic dictionary has emerged in different parts of Brazil. Therefore, this work is part of the possibility of contributing to a possible atlas or toponymic dictionary of Paraíba. It is from this context that the objective of this course conclusion work is established, that of making a geolinguistic interpretation of these toponyms to arrive at a possible description of how these terminologies add informative data to knowledge about natural resources and living conditions in Paraíba between the 18th and 19th centuries. The studies in this research were based on models from other existing works. For the linguistic study, such as etymology, morphological structure, toponymic taxonomy, more traditional dictionaries of the Tupi language were used, such as Sampaio (1987), Tibiriçá (1984,1985) Bueno, (1987), Cunha (1989), Clerot (1969) and Carvalho (1987) and Navarro (2013). To interpret the data, we followed the postulates in works by Dick (1981, 1990, 1994), as well as by Isquerdo (2019). The results of this research show that the toponyms of municipalities in Paraíba are more associated with physical-natural elements, such as animals, plants, rivers, lakes, coves, forests, hills, mountains. The study of this toponymy revealed knowledge about part of the available natural resources and living conditions in Paraíba in the 18th and 19th centuries. Other toponyms indicated the antiquity and originality of geographic spaces. This research shows that the toponymic study of a geographic area, in fact, "naturally represents a recovery of environmental characteristics perpetuated in place names"(Isquerdo 2019, p. 12).

KEYWORDS: Tupi, Etymology, Taxonomy.

INTRODUÇÃO

Na pesquisa apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetiva-se apresentar reflexões acerca da toponímia de alguns municípios do estado da Paraíba, com destaque para os topônimos de origem indígena. É um estudo de natureza bibliográfica, no qual se busca refletir a relação entre terminologias e aspectos históricos e sociológicos de espaços geográficos do estado da Paraíba. Para tanto, formula-se a hipótese de que há motivações relacionadas às criações dos topônimos, baseadas em cosmovisões e em percepções dos espaços ocupados pelos povos indígenas. Acredita-se que esses povos difundiram, a partir da relação com o território, toponímias reveladoras sobre o meio ambiente, sobre os espaços humanizados e os modos de vida da Paraíba entre os séculos XVIII e XIX.

Segundo Jacinto et al. (2020) a Paraíba chama a atenção por apresentar um número significativo de topônimos de origem indígena. Segundo o autor, prevalecem os topônimos baseados na língua Tupi, o que foi confirmado nesta pesquisa. Além dos topônimos Tupis, foram confirmados dois de origem não-Tupi, sendo um topônimo na língua Cariri (São Vicente do *Seridó*) e outro na língua Pataxó (*Zabelê*).

É possível encontrar na internet, em diferentes sites não acadêmicos, apenas os significados dos topônimos descritos por Jacinto *et al.* (2020), sem qualquer relação com o lugar, com significados duvidosos, e outros certamente errados. Estudar e ampliar os estudos de tais topônimos é a principal motivação para este trabalho acadêmico. Embora a maioria desses topônimos seja de elementos da natureza como animais e plantas, já é suficiente para, neste trabalho introdutório, conhecer um pouco da cultura, da história e dos valores da vida e do ambiente da Paraíba antiga. Um exemplo disso são os topônimos *Caaporã* no litoral sul e *Mataraca* no litoral norte, os quais sugerem uma região de matas originais da costa paraibana no século XVIII; já o topônimo *Itabaina* (Tobayana) sugere uma relação de inimizades entre Tupis e Kariris (Clerot, 1969:146, 148). Também interessante é conhecer a importância que as frutas (*Ingá*, *Umbu*, *Araçá*), as plantas (*Baraúna*, *Massaranduba*), os animais (*Guarabira*, *Gurinhém*, *Araruna*), o território em si, para os indígenas (*Borborema*, *Ibiara*), e como tudo isso compunha a vida social no passado. Busca-se, portanto, abordar essas questões neste trabalho, no estudo de 58 topônimos indígenas dos municípios paraibanos.

Como aporte teórico-taxonômico utilizamos os trabalhos de Dick (1980, 1990a; 1990b), além de pesquisas bibliográficas em livros e *fac-símiles* digitalizados disponíveis na

internet, livros de história da Paraíba, dicionários de línguas indígenas, dicionários etimológicos, corográficos, listas toponímicas, teses, dissertações, e recursos digitais.

Quanto à interpretação dos dados coletados para esta pesquisa, essas foram realizadas a partir de contribuições sugeridas em outros trabalhos que descrevem a língua de povos Tupi da costa brasileira, os quais foram realizados no nordeste, no centro-oeste e no sudeste do Brasil, como, por exemplo, Machado e Teixeira (2017), Ananias e Zamariano (2014), Santos e Rodrigues (2021), Chitolina (2019), Souza e Martins (2017).

Assim, o objetivo geral deste trabalho é descrever aspectos da toponímia indígena de alguns municípios da Paraíba, como terminologias indicadoras de recursos naturais e condições de vida entre os séculos XVIII e XIX. Para isso seguiu-se seguintes objetivos específicos: 1) identificação geográfica dos municípios paraibanos de nomes indígenas; 2) compreensão das implicações das camadas toponímicas encontradas; 3) análise dos itens lexicais que se tornaram topônimos; 4) classificação, de acordo com taxonomias já estabelecidas em estudos anteriores; 5) caracterização, a partir de uma interpretação geolinguística desses topônimos, e descrição de como essas terminologias acrescentam ao conhecimento sobre recursos naturais e condições de vida na Paraíba entre os séculos XVIII e XIX.

Esse estudo justifica-se, portanto, pela necessidade de mais informações sobre o patrimônio cultural identitário das unidades municipais que compõem o estado da Paraíba, subsidiados nos seguintes fatos: a) depois de uma pesquisa na internet, constata-se que há poucos estudos sobre a toponímia indígena paraibana; b) os trabalhos mais relevantes encontram-se em livros antigos publicados entre 1922 a 1987, mas com necessidades de estudos linguísticos aprofundados, ausências de topônimos, conteúdos reduzidos, e muitas informações incorretas sobre os topônimos indígenas; c) poucas informações sobre a estrutura do topônimo, sobre a classificação da motivação (taxionomia) e os motivos da escolha do nome, ou seja, a razão de o acidente geográfico ter aquele nome; d) a ideia de um dicionário toponímico tem surgido em diversas partes do Brasil, bem como projetos de atlas toponímicos têm sido temas de graduação e pós-graduação em diversas universidades do país, como Mato Grosso do Sul, Sergipe, Minas Gerais, São Paulo, Acre, Bahia, Rio Grande do Sul, Amazonas, e outros. Ressalta-se a dificuldade de se encontrara textos sobre a toponímia paraibana, bem como livros históricos que remontam à época da fundação dos municípios da Paraíba.

O advento das tecnologias de informação fez aumentar o interesse pelo resgate histórico da identidade toponímica. A facilidade de cruzar informações e acumular bancos de

dados têm contribuído muito, hoje em dia, para projetos de atlas e dicionários toponímicos mais completos do que os de antigamente. A cada dia, esses projetos vão tomando forma em todo o Brasil. Logo, este trabalho se insere na possibilidade de contribuir, futuramente, para um possível atlas ou dicionário toponímico da Paraíba.

A estrutura deste trabalho está organizada em quatro capítulos: no primeiro capítulo, *toponímia: postulados teóricos gerais*, faz-se um levantamento dos postulados teóricos gerais da disciplina de Toponímia, apresentando a definição, a origem e o método toponímico mais aceito no meio acadêmico atual. A partir daí, apresenta-se a relação da motivação toponímica com outras disciplinas, a fim de entender a natureza interdisciplinar da pesquisa. Nesta pesquisa considera-se Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a maior expoente do assunto, e segue-se com o estudo de sua classificação toponímica em taxes. Considerando-se que a toponímia de origem indígena apresenta aspectos diferentes da toponímia tradicional, faz-se um estudo dos fundamentos e dos métodos da toponímia indígena brasileira, começando pela história da origem e expansão dos topônimos indígenas e terminando com a lista das regras básicas metodológicas específicas da toponímia indígena brasileira segundo os trabalhos de Dick.

No capítulo dois é apresentada a metodologia da pesquisa, a qual seguirá as regras básicas metodológicas específicas da toponímia indígena brasileira propostas por Dick. Cada recurso usado na pesquisa é explicado; aplica-se os métodos e os recursos de maior importância para a pesquisa, já com aqueles que se revelam incertos ou duvidosos (como por exemplo, relatos populares de testemunhas orais, pesquisas na internet), adota-se maior criticidade. No capítulo três são apresentados os aspectos físicos, naturais, e fitogeográficos do estado da Paraíba, já que cada município citado se encontra nas condições físicas e ambientais do estado. Também levanta-se dados dos povos originários antes da chegada dos europeus, considerando que a relação deles com o espaço geográfico, com a fauna e a flora, antes e depois da colonização, cristalizou muitos desses topônimos, os quais vieram a ser, mais tarde, usados pelos colonizadores e sertanistas em todo o estado da Paraíba. No quarto capítulo são listados todos os topônimos pesquisados, apresentados os dados linguísticos de cada um, seguindo o modelo científico de Tavares e Isquierdo (2022). Ao final da lista é feita uma exegese (interpretação) desses dados, para conhecer alguns aspectos da Paraíba entre os séculos XVIII e XIX. E finalmente, a conclusão, refletindo sobre o alcance e a realização dos objetivos pretendidos no início deste trabalho.

Após esse panorama geral da pesquisa, passa-se a gora ao estudo dos fundamentos teóricos da disciplina da toponímia geral, seus conceitos e métodos, bem como uma abordagem das características da toponímia de origem indígena.

I. TOPONÍMIA: POSTULADOS TEÓRICOS GERAIS

Neste capítulo apresenta-se, de forma resumida, a expansão da língua Tupi¹ no Brasil e como deu-se sua influência na língua portuguesa, bem como a definição científica da toponímia indígena, seus conceitos e métodos.

1.1 Conceito, origem e método toponímico

Embora a Toponímia seja mais conhecida pelo conceito de estudo dos nomes de lugares e dos designativos geográficos, este estudo mostra um alcance maior dessa disciplina na medida em que concebe uma relação dos topônimos com as tradições de um povo, de registros de suas características culturais e sociais. Por essa razão, ela pode apresentar-se como a crônica de uma comunidade, isto é, a toponímia grava a percepção do social e ambiental que o homem tem como produto de sua mentalidade em sua época e em seu tempo, dentro de determinadas condições de vida e de ambiente (Dick, 1990).

Hoje, dentro da Lexicologia, tem-se a onomástica, que possui duas áreas de estudo: a antroponímia e a toponímia; ambas disciplinas estudam elementos linguísticos denominativos (Dick, 1994). Enquanto a primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; a segunda se integra à onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico a partir do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares:

A toponímia nascente conformava, porém, um duplo objetivo: não só o ensino de suas básicas e de seus fundamentos gerais, segundo os modelos assentados pelo ramo europeu da onomástica, mas, principalmente, a função instrumental de um marcador vocabular brasílico (estudo etimológico dos topônimos tupis), cuja frequência, no sistema lexical português, sempre atingiu índices expressivos nos mais variados itens semânticos (a exemplo de zoonímia, fitonímia, hidronímia, geomorfonímia, ergonímia) (Dick, 1994, p. 435-6).

¹ Entendemos aqui o Tupi como a língua Tupinambá. Porém, para fazermos referência aos trabalhos aqui utilizados, manteremos a denominação Tupi ao longo desta pesquisa.

O estudo toponímico é um trabalho de natureza linguística que requer do estudioso conhecimentos prévios do sistema linguístico. Um dos aspectos linguísticos mais importantes da toponímia é que ela revela os fatores cristalizadores de nomes e palavras (Isquierdo, 2019), ou seja, a toponímia é o estudo das causas que tornam um nome perenizado.

A investigação toponímica pode mostrar que na origem do topônimo encontra-se um item lexical que perpetua características da língua falada naquele espaço geográfico no momento em o topônimo foi criado, como também é possível descobrir um *fóssil* linguístico de um étimo pertencente a uma língua não mais falada, mas perenizado pelo topônimo (Dick, 1992, p.20; Isquierdo, 2019, p.10). É exatamente por esse motivo que Maria Vicentina do Amaral Dick, uma importante autora de referência para os estudos toponímicos no Brasil, defende que o princípio metodológico dos estudos toponímicos começa sempre a partir do nível lexical. Ao interpretar Dick, Isquierdo (2019) informa que os topônimos estão debaixo das mesmas regras que regem o sistema linguístico das línguas à que subjazem à toponímia daquele espaço geográfico, justificando, assim, o nível lexical como a primeira atividade metodológica do estudo toponímico, não ignorando os fatores norteadores para a recuperação da motivação toponímica, como condicionantes históricos, fatores culturais, especificidades da geografia, da geomorfologia, da hidrografia da região (Isquierdo, 2019, p.10).

A metodologia toponímica transcende os aspectos de cunho linguístico, transitando em outras disciplinas, em busca de elementos norteadores da motivação toponímica; é por isso que Isquierdo (2019), citando Dick (1990)², define o topônimo como “um complexo *linguo-cultural*, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, ou seja, a pesquisa toponímica de um espaço geográfico revela informações diversas além das de cunho linguístico” (Isquierdo 2019, p. 9).

Nas primeiras e mais antigas listas toponímicas, como as encontradas no trabalho de Teodoro Sampaio (1901), há aspectos da composição lexical de topônimos (semânticos), mas com pouca referência geolinguística; também é possível notar a falta de certos topônimos nordestinos. Outro exemplo disso são as listas corográficas ou toponímicas do estado da Paraíba, que apareceram até a década de 1960, mas que apresentam apenas a composição linguística e o significado do topônimo; entre essas listas podemos citar os autores paraibanos como Coriolano de Medeiros (1944) e Francisco Clerot (1969).

Com a evolução dos estudos linguísticos a disciplina de Toponímia também mudou e tornou-se mais abrangente do que os estudos pioneiros. Hoje o estudo toponímico não mais limita-se apenas ao léxico e seus aspectos semânticos, mas apresenta uma perspectiva

² Livro não acessível na época da realização desta pesquisa.

socioantropológica também, permitindo-se, assim, o conhecimento de modos de vida e das historicidades dos espaços geográficos inscritos nessa nomenclatura (Dick, 1981). Atualmente, o estudo da motivação toponímica busca definir por quais razões uma árvore, uma fruta, um animal, ou um rio tiveram tanta importância para um grupo social, a ponto de ser tornado um topônimo (Pereira; Nadin, 2017).

Como o estudo toponímico aborda aspectos linguísticos e extralinguísticos, a motivação toponímica enquadra-se neste último aspecto, o que torna obrigatório recorrer a outras ciências, como: História, Arqueologia, Geografia, Antropologia, com a intenção de descobrir a motivação dos topônimos (Pereira; Nadin, 2017). No caso da toponímia indígena acrescenta-se ainda a Botânica e a Zoologia, considerando-se o ambiente natural dos habitantes originadores dos topônimos.

1.2 Classificação segundo Dick e os estudos atuais

Segundo Ananias e Tavares (2022), antes de Dick outros autores como Dauzat em 1947 e Sapir em 1969 já haviam considerado que os elementos motivadores da toponímia têm origem em aspectos da geografia física e humana. Assim, compreendem-se os fundamentos teóricos da divisão do modelo taxonômico de Dick em categorias de natureza física e em categorias de natureza antropocultural. Dentre esses modelos, há o apresentado inicialmente em 1975, com 19 categorias, passando a 27 em reformulação no texto publicado pela mesma autora em 1990. Segue uma lista da classificação de Dick, atualizada e adaptada por Carvalho (2010):

Taxonomias de natureza física:

- 1) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral: Serra da Estrela (Alto das Garças), córrego Saturno (Guiratinga), Jaciara (município);
- 2) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral: córrego do Meio (Alto Araguaia), córrego da Divisa (Alto Garças), Alto Taquari (município);
- 3) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática: Morro Azul (Alto Araguaia), córrego Vermelho (Alto Araguaia), serra Preta (Alto Taquari), cabeceira Escura (Primavera do Leste);
- 4) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade. Ex: córrego Comprido (Alto Garças), córrego Fundo (Alto Araguaia), córrego Pequeno (Torixoréu);
- 5) Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade: córrego do Cipó (Alto Araguaia), córrego Babaçu (Rondonópolis), córrego Mangabeira;

- 6) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas: elevações de terreno: córrego Chapada (Alto Araguaia), córrego da Vertente comprida (Pedra Preta), serra do Espigão Mestre (Itiquira);
- 7) Hidrotopônimos: topônimos de acidentes hidrológicos em geral: córrego Água Branca (Alto Araguaia), córrego da Cachoeira (Alto Araguaia), córrego Cabeceira do Pontal (Pedra Preta);
- 8) Igneotopônimos: topônimos relativos ao fogo, abrangendo todos os produtos resultantes de sua ação direta: morro do Fogo (Alto Araguaia), córrego da Faisca (Itiquira), cachoeira da Fumaça (Jaciara);
- 9) Litotopônimos: topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos: córrego Barro Preto (Alto Garças), córrego Lajeadozinho (Alto Araguaia), córrego da areia (Alto Garças);
- 10) Meteorotopônimos: topônimos relativos a acidentes atmosféricos: morro da Neblina (Alto Araguaia), córrego do Trovão (Alto Araguaia), Primavera do Leste (município);
- 11) Morfotopônimos: topônimos que refletem os sentidos da forma geométrica: córrego Atravessado (Alto Garças), córrego Tortinho (Alto Araguaia), morro Redondo (Tesouro);
- 12) Zootopônimos: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos ou selvagens, singular ou plural: córrego do Cavalo (Alto Garças), córrego do Burro, córrego das Galinhas (Portal do Araguaia); córrego da Anta (Alto Araguaia), córrego dos Veados (Alto Araguaia).

Taxonomias de natureza antropocultural:

- 1) Animotopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física: córrego Boa Esperança (Alto Garças), córrego Encantado (Alto Araguaia), córrego Maravilha (Alto Garças);
- 2) Antropônimos: topônimos que se referem a nomes próprios individuais.-prenome: córrego do Felipe (Alto Garças), córrego do Inácio (Alto Garças), córrego do Rafael (Alto Garças);
- 3) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais: General Carneiro (município), córrego Capitão Augustim (Campo Verde);
- 4) Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes: córrego da África (Alto Araguaia), córrego Babilônia (Pontal do Araguaia);
- 5) Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha: ribeirão das Velhas (Alto Garças), córrego Novo (Pontal do Araguaia);
- 6) Dirrematopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos: córrego Quebra Cabeça (Alto Araguaia), córrego Vista Alegre (Alto Araguaia);
- 7) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral: córrego do Rancho (Alto Araguaia), córrego do Castelo (Itiquira);
- 8) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material: córrego do Arame (Alto Taquari), córrego da Espora (Alto Araguaia);
- 9) Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas): córrego dos Baianos (Alto Araguaia), córrego dos Bugres (Poxoréu), serra dos Índios (Pontal do Araguaia), córrego Alagoano (São José do Povo);

10) Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, cristã, hebraica, maometana, etc; as efemeridades religiosas, às associações religiosas, aos locais de culto: morro da cruz (Alto Araguaia), córrego do Paraíso (Alto Araguaia).

Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões:

10.a. Hagiotopônimos: topônimos relativos aos nomes de santos e santas do hagiológico romano: córrego São Francisco (Alto Araguaia), córrego São José (Alto Araguaia), córrego São Paulo (Alto Araguaia);

10.b. Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas: córrego Inferninho (Tesouro);

11) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes: córrego Bandeiras (Alto Garças), córrego Bandeirantes (Juscimeira);

12) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana: córrego da Pinguela (Alto Araguaia), córrego da Ponte (Alto Araguaia), córrego Ponte de Terra (Alto Araguaia);

13) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais: córrego Dois Irmãos (Alto Garças), córrego Três Barras (Alto Garças), córrego Sete Voltas (Araguainha);

14) Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoado, arraial: córrego do Aldeia (Alto Araguaia), córrego da Corrutela (Alto Garças);

15) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho, e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça): córrego Boiadeiro (Alto Araguaia), córrego do Garimpo (Alto Araguaia);

16) Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal: córrego Bracinho (Alto Araguaia), córrego do Cobreiro (Alto Araguaia).

Atualmente a maioria dos estudos toponímicos realizados no Brasil, no formato de dissertações e teses, segue o padrão científico de Dick, tanto em termos conceituais como metodológicos. Alguns trabalhos foram realizados independentemente e outros integraram projetos de atlas toponímicos, como os liderados pelas doutoras Dick (USP) e Isquendo (UFMS). Embora o modelo toponímico de Dick, da década de 1990, já tenha evoluído com acréscimos e realocações de categorias em outros estudos mais recentes, ainda assim, sua teoria e a metodologia continuam sendo o padrão científico de classificação taxonômica mais aceita na comunidade acadêmica brasileira, quando se trata de pesquisa toponímica (Santos, 2020, p. 572).

1.3 Fundamentos e método da toponímia indígena brasileira

Segundo Rodrigues (2010) o contato da língua Tupi com a língua portuguesa foi historicamente notável; houve imensa aquisição de palavras para o português, pois "(...) sua aquisição em grande quantidade e com pouca alteração fonética, como é a situação

predominante na nomenclatura adquirida dos Tupis e Tupinambás, implica um convívio detido e mais ou menos intenso” (p.31).

A nomenclatura Tupi denomina muitos objetos e realidades desconhecidas do português, como por exemplo *cuité* ‘vasilha de cabaça’, geralmente denominando aquilo que é típico da natureza e da vida cotidiana no Brasil, sendo a maioria da linguagem setorial da fauna e flora (Dietrich; Noll, 2010).

Essa influência tornou o PB uma língua distinta do português europeu. Estima-se que o léxico do PB adquiriu 10.000 tupinismos e cerca de 60.000 topônimos (Dietrich e Noll, 2010). Entre as várias áreas dos estudos da língua portuguesa, a etimologia do léxico Tupi ainda é uma área controvertida quando tem-se que decidir a origem de determinada palavra, para saber se vem do Tupi, da LGP (Língua Geral Paulista), da LGA (Língua Geral Amazônica) ou do nheengatu, (Dietrich; Noll 2010). Por essas razões, os primeiros estudos toponímicos no Brasil foram de natureza indígena, pois “era natural, assim, que as primeiras pesquisas toponímicas resultantes tivessem um enfoque de natureza ameríndia, como se depreende dos trabalhos então publicados” (Dick, 1994, p. 435-6).

Diferentemente, por exemplo, da toponímia de origem bororo (Família Linguística (Macro-Jê, que ficou isolada na região central do Brasil) a toponímia Tupi alcançou uma grande difusão pelo país devido a alguns fatores, como: a grande mobilidade geográfica e sócio-cultural do grupo, a ação religiosa dos missionários e das antigas bandeiras expandindo a área indígena através da língua geral (Dick, 1981). Por esse motivo

Os Tupis caracterizam-se, realmente, por serem um grupo bem preciso em todo o litoral brasileiro, do norte ao sul, até Cananea, em São Paulo, com inflexões para os vales do Paraguai, Uruguai e Paraná. Na região amazônica, distribuíram-se pela margem direita do grande rio, localizando-se apenas algumas tribos, como os Emerillon e os Oyampi, em pontos da margem esquerda (Dick 1981, p. 47).

Embora seja considerado, tanto do ponto de vista de inserção de itens lexicais à língua portuguesa, quanto pela própria densidade toponomástica, a toponímia brasileira possui um considerável acervo de outras origens linguísticas como das línguas: karib, aruak, jê e kariri, abrangendo áreas menores e restritas, ou centrais da geografia brasileira (Dick, 1981, p.46).

Assim a toponímia indígena em geral avança, tanto para o sul com a toponímia de origem dos povos botocudo, puri, kamakan ou pataxó, como para o norte com os denominativos dos povos karib e aruak. Já na área mais central do nordeste do Brasil, nas chapadas e nos vales do semiárido nordestino é encontrada outra tradição toponímica, a dos

povos kariri. Segundo Dick (1981, p.46), “(...) os topónimos dessa procedência permanecem aguardando uma necessária interpretação de sua substância de conteúdo”.

Sobre os temas ou causas denominativas da toponímia indígena em geral pode-se dizer que, embora essa nomenclatura envolva aspectos da cultura material e espiritual, refletindo detalhes de uma sociedade de economia mista, como também de uma realidade ambiental diversificada, e de múltiplos domínios de experiência, a toponímia tupi apresenta uma definição mais relevante ainda:

(...) É nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante, pela importância dos fatores geográficos envolvidos no próprio processo de ocupação do solo, e onde avultam, para nós, aqueles de origem hidrográfica (Dick, 1981, p.48)

Na investigação linguística da toponímia indígena deve-se atribuir importância a algumas regras básicas específicas, para evitar, assim, erros básicos. Para isso, Dick (1981) orienta os estudiosos a seguirem as seguintes regras metodológicas:

- 1) Dimensionar os estratos linguísticos que estruturam, genericamente, a toponímia indígena brasileira;
- 2) o processo analítico não deve se restringir a um único ângulo do problema, mas deve procurar abarcar o maior número de enfoques, considerando que o topônimo recobre diferentes domínios de experiência;
- 3) o nativo dos diferentes troncos étnicos poderá, assim, ser conhecido não apenas sob o ponto de vista da antropologia clássica, mas também pelas características fundamentais da nomenclatura que manipula num dado momento histórico.
- 4) O indivíduo e o habitat são as duas linhas de força que postulam os nomes dos lugares e tornam a disciplina tão científica quanto qualquer outra área, não perdendo-se de vista sua amplitude, evitando-se interpretá-la apenas como uma relação de vocábulos seguidos de uma provável etimologia.

Tendo exposto os fundamentos e autores da ciência toponímica, passa-se agora à exposição do método e dos recursos utilizados para a realização desta pesquisa.

II. METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa de natureza bibliográfica. Para a realização desta pesquisa utilizou-se de uma lista dos topônimos indígenas dos municípios paraibanos citada

no trabalho de Jacinto *et al.* (2020), com 58 nomes; porém constatou-se nesta pesquisa que dos 58 topônimos da referida lista, 04 (quatro) não são de origem indígena: *Jericó* (hebraico), *Cochichola* (latim), *Mulungu* (africano), *Aroeiras* (árabe) (Cunha, 2010). Considerando ainda que na lista de Jacinto *et al.* (2020) faltam 04 (quatro) topônimos, *São José do Sabugi*, *São Vicente do Seridó*, *Algodão de Jandaira*, e *Capim*; portanto este TCC prossegue com o estudo de 58 topônimos de origem indígena, propondo-se que, até o momento desta pesquisa, a Paraíba possui, dos 223 municípios, 58 nominados com topônimos de origem indígena. Este TCC se diferencia do trabalho de Jacinto *et al.* (2020) por compreender um estudo particularizado de cada topônimo, com suas implicações geolinguísticas, históricas e sociais.

A metodologia desta pesquisa fundamentou-se teoricamente nos postulados e no modelo de Tavares e Isquierdo (2022), e Silva e Isquierdo (2017). Seguindo os postulados de Silva e Isquierdo (2017), os nomes de lugares foram estudados a partir de três perspectivas: plano da motivação, da estrutura (morfologia) e da língua de origem (etimologia). No plano da motivação, Silva e Isquierdo (2017) seguem o modelo taxonômico de Dick, em duas categorias maiores: motivação de natureza física com 11 taxes (astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiopônimos, fitotônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, igneotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos); e de natureza antropocultural, com 16 taxes (animotopônimo, axiotopônimo, corotopônimos, cronotopônimos, dirrematopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, hierotopônimos, hagiotopônimos, mitotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos, somatopônimos). Quanto à análise da estrutura do sintagma toponímico, mostrou-se a relação binômica do topônimo com o acidente geográfico, seccionando-se para melhor entender a relação nesse conjunto, caracterizando os elementos genéricos, ou seja, o acidente a ser nomeado, bem como o específico, o topônimo propriamente dito, aquele que particulariza a entidade geográfica. Foi levado em conta também que ambos, termos genéricos e específicos, atuam no sintagma toponímico, ou seja, “no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo acidente identificado, de forma justaposta ou aglutinada” (Silva; Isquierdo, 2017, p. 10).

A análise da estrutura morfológica considerou simples aqueles topônimos com apenas um formante, e compostos aqueles com mais de um formante. Em termos de composição morfológica, considerou-se o termo específico, ou seja, o topônimo ou o elemento específico, como simples, composto ou híbrido (Isquierdo, 2017).

A língua de origem foi considerada de máxima importância, uma vez que o significado define as taxes dos topônimos simples, bem como dos compostos aglutinados. Como o

topônimo está sujeito às mesmas regras que regem o sistema linguístico da língua falada na região daquele topônimo, o ponto de partida da investigação toponímica sempre foi o nível lexical; os demais aspectos, como condicionantes históricos, fatores culturais, especificidades da geografia, da geomorfologia, da hidrografia da região da pesquisa, foram elementos norteadores para a recuperação da motivação implícita em cada nome de lugar (Isquerdo, 2019).

As especificações lexicais foram realizadas a partir da identificação da língua e da etnia indígena; assim constatou-se nesta pesquisa 56 topônimos de origem Tupi, 01 Kariri e outro Pataxó. Em seguida foi feito um estudo detalhado da morfologia do topônimo e da sua etimologia, decompondo-se, quando necessário, os elementos aglutinados, até chegar em sua forma original. Para compreender a etimologia Tupi, utilizou-se as seguintes referências: Navarro (2013) e Sampaio (1987). Para compreender os significados dos topônimos de origem Tupi foram usados dicionários, livros e artigos sobre toponímia, como: Theodoro Sampaio (1987), Francisco Clerot (1969), Moacir Carvalho (1987). Quanto à língua Kariri, empregou-se o significado dado por Jacinto et al (2020, p. 147), e para a língua Pataxó, utilizou-se de fonte na internet³. Também foi usado um lista de dicionários do Tupi, como Dicionário Tupi antigo, Navarro (2013), Vocabulário tupi-guarani português, Bueno (1987), e Dicionário tupi-português, Tibiriçá (1984).

A apresentação dos dados dos topônimos foi feita no formato verbete, seguindo Tavares e Isquerdo (2022), no seguinte modelo: *nome do município - etimologia: estrutura: taxonomia: notas: código no IBGE*. Esse formato serve para fins acadêmicos com intuito de compor um dicionário toponímico, como também para atender a um público mais amplo que venha a procurar por informações sobre os topônimos.

Os materiais de estudo usados na exegese dos dados da pesquisa foram:

a) Trabalhos de Dick dos anos de 1981, 1990, e 1994; trabalhos de Isquerdo (2017), (2019), (2022), no Mato Grosso do Sul;

b) artigos sobre estudos toponímicos feitos em outras regiões do Brasil, como “A motivação toponímica na escolha dos nomes geográficos de origem indígena da zona rural da regional do baixo Acre”, de Souza e Martins (2017); “A hierotoponímia no município de Vigia de Nazaré-PA”, Santos e Rodrigues (2021); “Motivações botânicas e religiosas na toponímia contemporânea em Sergipe”, Santos (2020); “O onoma indígena na nomeação dos quilombos do litoral norte e agreste baiano”, Machado e Teixeira (2023); “Estudo toponímico: uma análise acerca dos topônimos de origem indígena identificados no município de

³ Disponível em <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/>. Acesso em: 05 abr 2024.

inhangapi-PA”, Ferreira (2018); “Toponímia indígena na região oeste de Santa Catarina: patrimônio etnolinguístico”, Chitolina (2023). Esses trabalhos serviram como modelo e para a obtenção de dados norteadores históricos, geográficos, antropológicos e sociológicos;

c) antigos acervos de livros históricos de autores paraibanos sobre a colonização e ocupação da Paraíba em formato digital⁴.

d) mapas antigos da Paraíba colonial, disponíveis em tese na área de história da Paraíba. A tese de Brito (2020), “A conquista do rio ruim: a paraíba na monarquia hispânica (1570-1630)”, apresentada em Salamanca, apresenta mapas que mostram o aspecto físico do Rio Paraíba, o que dá clareza geolinguística ao topônimo *Paraíba*.

e) cadastro histórico de cada cidade paraibana no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística);

f) cadastro histórico de cada cidade paraibana no site do FAMUP (Federação das Associações de Municípios da Paraíba).

Após reunir e estudar os dados bibliográficos necessários, foi feita a classificação dos topônimos, comparando o significado encontrado nos principais dicionários adotados na pesquisa com os significados em uso pelo IBGE e pelas prefeituras. Após essa comparação, foi feita a exegese das implicações geolinguísticas da toponímia indígena dos municípios.

A internet e seus recursos essenciais utilizados nesta pesquisa:

a) **Youtube.** Foi usado para conhecer cada município e sobrevoá-los em busca de pistas que direcionassem a pesquisa ou esclarecessem aspectos dos topônimos. Por exemplo, descobriu-se, em vídeos do Youtube, formações rochosas (*Tacima, Itaporanga, Itatuba*), lagoas (*Jacaraú, Pirpirituba*), rios (*Juripiranga, Guarabira*).

b) **Google earth.** Foi usado para fazer varredura em busca de pistas sobre formas de relevos, cursos de rios e formações geográficas. Por exemplo, conferiu-se o formato e a localização de uma enseada (*Mamanguape*), encontrou-se um grande lago ao lado de uma cidade (*Jacaraú*), detectou-se vários rios (*Pirpirituba*). Todos esses achados confirmaram seus topônimos.

c) **Mapas hidrográficos digitais.** Foram usados para ver a localização de rios, e por onde passam. Por exemplo, rios que passam por dentro ou tangenciam a cidade (*Umbuzeiro, Ingá*).

d) **Google Maps.** Foi usado para identificar, pela cor azul, presença de percurso de rios, como também saber distâncias entre cidades, lugarejos e povoados, em busca de pistas que, por exemplo, deram o nome ‘Caaporã’.

⁴ Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org>. Acesso 05 abr 2024.

e) **Sites de turismo da cidade.** Muitas informações que orientaram esta pesquisa vieram dos tais sites. A partir do estudo etimológico, procurou-se estabelecer a relação do topônimo com a cidade, por exemplo, *Tacima* (pedra escorregadia); para saber se a cidade tinha relação com o topônimo, foi possível ver nos sites de turismo da cidade as gigantescas pedras arredondadas ao lado da cidade, seu principal cartão postal e atrativo turístico.

f) **Topônimos correlatos.** Vários topônimos têm seus homônimos em outros estados do Brasil. Esses correlatos podem fornecer pistas para a pesquisa. Foi possível usar um topônimo correlato para confirmar a etimologia e causa nominativa em outro (*Pitimbu*). Esperava-se que todos os topônimos correlatos tivessem a mesma causa motivadora e a mesma relação descritiva ou associativa com as cidades que nomeiam; mas nem sempre isso acontece. Foi o caso de Itaporanga-PB e Itaporanga-SP, bem como Borborema-PB e Borborema-SP.

g) **Rios.** Verificou-se um número significativo de traslados toponímicos, em sua maioria, de hidrotopônimos. Consistiu em uma pista valiosa para evitar erros de causas nominativas e perda de tempo na pesquisa.

No decorrer deste processo, nos deparamos com algumas dificuldades e também soluções encontradas para o trabalho com a toponímia indígena. Destacam-se:

a) *Falta de material específico.* Foram comprados alguns dicionários disponíveis no mercado (Navarro, Tibiriçá, Cunha). Buscou-se textos, dicionários toponímicos e livros digitais (*fac-símiles*) no site intitulado “Etnolinguística” (*etnolinguistica.org*), bem como teses e dissertações disponíveis no Google acadêmico;

b) *alterações morfológicas.* Observe-se Itabaiana, Pitimbu, e Taperoá. Na forma alterada em que estes três topônimos se encontram, nunca será possível encontrá-los nos dicionários da língua Tupi, a não ser que se chegue a alguma pista linguística através de um dicionário toponímico que esteja correto. Mais adiante será dada uma amostra de como procedeu-se num destes exemplos;

c) *uso popular.* O uso popular do significado dos topônimos está em quase todos os sites históricos dos municípios, inclusive em alguns topônimos do IBGE. Chama-se *popular* porque tal uso não tem base linguística; tais significados foram criados com base na imaginação popular, destoando completamente da etimologia do topônimo. Por exemplo, etimologicamente, *Mamanguape* significa *caminho dos Mamangás*, mas no uso popular do dia a dia os moradores da cidade dizem que o significado é “bebedouro”. O topônimo *Juripiranga* significa “boca vermelha” (um tipo de peixe), mas no uso popular diz-se *aves que cantam*;

d) *O manuseio dos dicionários*. As diferenças entre os dicionários toponímicos são tão variadas quanto a distância temporal entre um e outro. Encontrou-se neles topônimos com localização geográfica errada, por exemplo, Tibiriçá (1985) localiza *Itabaiana* em Pernambuco. Encontra-se também topônimos com descrição etimologicamente incorretas, como é o caso de *Itapororoca* e *Pitimbu* em Tibiriçá (1985). O topônimo *Aroeira*, criado em Clerot (1969). Falta de topônimos importantes, ex. Sampaio (1987) omite Cubati. Por estas razões decidiu-se pesquisar e citar mais amplamente a lista de dicionários toponímicos, e com maior frequência aqueles dicionários que têm seus significados concordando com a análise etimológica desta pesquisa. Mais precisamente, escolheu-se o dicionário pelo significado que tem relação com a coisa significada;

e) *IBGE não verificado*. Nem tudo que está no site histórico do IBGE sobre o município está correto. Há contradições grosseiras entre o site do IBGE e sites das prefeituras, como é o caso dos correlatos Quixaba-PB e Quixaba-PE com os mesmos dados históricos no site do IBGE. Portanto, foi necessário validar os dados históricos do IBGE por meio de outras fontes.

Durante toda a pesquisa encontrou-se vários casos de topônimos com análises etimológicas duvidosas e sentidos questionáveis. Um exemplo disso foi o topônimo *Pitimbu*. Na prática, o estudo do topônimo *Pitimbu* seguiu o método dos demais; mas o que chamou a atenção foi o significado dissonante do uso popular encontrado no site do IBGE: *Pitimbu*, "Olho d'água do fumo". A pesquisa toponímica não rendeu resultado até que se descobriu um bairro da cidade de Natal-RN com o mesmo topônimo. Investigando o site da prefeitura de Natal, encontrou-se 04 (quatro) significados para *Pitimbu* (sugerido por Cascudo, 1968): *água, nascente, rio, manadouro de camarão*. Dos quatro significados, apenas um chamava a atenção: *manaouro de camarão*. Isto porque a pesquisa sobre *Pitimbu*-PB já acumulava dados que indicavam que tratava-se de uma comunidade beira-mar, de cultura econômica da pesca da lagosta. Outro dado histórico é que a palavra *Pitu*, até hoje, é usada por pescadores de todas as localidades para 'camarão grande e escuro' (Sampaio, 1987). Descobriu-se então que *Pitu* é uma variação do Tupi antigo *poty* 'camarão' (Sampaio, 1987) ou *potin*, (Navarro, 2013). Verificou-se que se trata de uma estrutura composta aglutinada de *potin*, camarão + *bur* 'manar, borbulhar, vir para cima'; ou *bura* 'emersão, borbotão' (Navarro, 2013). O topônimo original seria Potimbur 'camarão que borbulha' ou Potimbura 'manadouro de camarão'. Portanto, o topônimo indica que *Pitimbu* é um local onde há camarão ou lagosta em quantidade, razão porque a principal economia é a pesca da lagosta. O dicionário de topônimos de Tibiriçá (1985), contribuiu para esse erro quando usou *Pitimbu*, 'o que fuma, o que solta fumo', no lugar de *Potimbura*, 'manadouro de camarão'. Temos aqui então um uso

popular que seguiu os dicionários toponímicos disponíveis, chegando a *pitimbu* ‘fumo’ e *bur* ‘borbulhar’, olho d’água de fumo. Esses dados apontam para a necessidade de se ampliar a pesquisa em busca de mais fontes linguísticas, históricas, geográficas e culturais.

Como nosso objeto de estudo é a toponímia paraibana, o próximo capítulo focará na descrição de aspectos físicos e naturais do estado da Paraíba.

III. O ESTADO DA PARAÍBA

Neste capítulo disserta-se sobre as características do estado da Paraíba — hidrografia, fauna, flora e habitantes —, bem como apresenta-se alguns dados que permitem contrastar a Paraíba antiga com suas condições físicas e naturais atuais.

3.1 Aspectos físicos e naturais

A Paraíba possui uma área territorial de 56.467,242 km², com uma população atual de 3.974.687 habitantes distribuídos em 223 municípios, com 680,32 km² de área urbanizada. Banhada a leste pelo Oceano Atlântico, limita-se a norte com o Rio Grande do Norte, a sul com Pernambuco e a oeste com o Ceará, sendo o 13º estado mais populoso do Brasil. (IBGE, 2022).

Ainda de acordo com dados do IBGE, em relação às unidades geomorfológicas, o estado apresenta-se compartimentado em seis unidades: no sentido Leste-Oeste, planície costeira, o baixo planalto costeiro, a depressão sublitorânea, o planalto da Borborema, a depressão Sertaneja e a bacia sedimentar do Rio do Peixe.

Com relação à hidrografia paraibana, destaca-se os dois rios mais importantes, os quais fizeram parte da história da colonização do estado: Rio Paraíba, que drena o estado no sentido Leste-Oeste e o Rio Piancó no sentido Sul-Norte. O processo de ocupação do estado deu-se através desses dois rios: o rio Paraíba constituiu uma via de acesso neste processo para navegação, enquanto enquanto o Rio Piancó foi o principal percurso de penetração de bandeiras vindas da Bahia e/ou São Paulo, através do rio São Francisco e, também, do Piauí e/ou Ceará, e que dividiram as terras entre si (Jacinto et al., 2020).

Quanto à divisão regional fitogeográfica paraibana, compreende-se 7 regiões: No sentido leste oeste do estado temos: a mata paraibana, formada pela planície costeira e pelo baixo planalto costeiro; o agreste (“rústico ou rude”) que transita entre a mata atlântica e a caatinga; o brejo (“áreas úmidas”) enclave de mata atlântica e mata serrana em zonas serranas

do interior, que na época da colonização foram pontos de parada, bem como instalação de vilas e povoados; o curimataú (em Tupi, “rio dos curimatãs”, um peixe da região) vegetação de caatinga, que no início da colonização era considerada boa para criação de gado; o seridó (em Cariri “árvores sem folhas” ou de “pouca sombra”) região dominada pela caatinga; o cariri (“lugar silencioso”) foi a principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste do Brasil, e também região que ocupa uma parcela (Sul) do planalto da Borborema, de vegetação de Caatinga; o sertão (“espaços distantes do mar” ou agreste). Essa região, de vegetação Caatinga e clima semiárido, é a menos povoada e mais distante do litoral. Fonte: (Jacinto, 2020).

3.2. Os Habitantes, a fauna e a flora antes da chegada dos colonizadores

Os Potiguaras e Tabajaras, povos falantes de línguas pertencentes à família linguística Tupi-Guarani, família Tupi, ocuparam a faixa leste, terras essas que foram posteriormente marcadas, principalmente, pela cultura canavieira. Os aldeamentos indígenas encontravam-se “às margens dos rios Mamanguape e Camaratuba e na Baía da Traição, dos quaes desaparecerão uns, e outros servirão de núcleos às actuaes cidades de Mamanguape e villa da Bahia da Traição” (Joffily, 1977, p. 105 *apud* Jacinto, 2020, p. 148)⁵. O interior da Paraíba foi dominado pelo grupo indígena “Cairys desde o platô da Borborema, a que deixarão o seu nome, nos limites com o Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, cujos sertões eram igualmente habitados por tribos dessa raça, assim como o da Bahia (rio S. Francisco)” (Joffily, 1977, p. 103 *apud* Jacinto, 2020, p. 149). Sampaio (1987) define a nação Cariry (Kariri), como “uma numerosa nação selvagem que, outrora, dominou grande extensão do Brasil, da Bahia para o Norte, concentrando-se, mais tarde, nos sertões do Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco” (p. 219).

No que diz respeito à mata e à flora, segundo historiadores antigos como Leon Clerot (1969), quando se trata da mata paraibana, pode-se falar de uma Paraíba muito distinta da que há hoje:

Quando a Paraíba foi colonizada, grandes matas revestiam a maior parte do seu território. O litoral, desde a orla marítima, naquele tempo sem o coqueiral que lhe ornamenta atualmente o contorno, os vales, que de distancia em distancia interrompem os "tabuleiros" nos quais ainda correm rios perenes, ostentavam vegetação de elevado porte. Esses rios Guajú, Camaratuba, Mamanguape, Miriri,

⁵ Joffily (1977): livro não encontrado na época da pesquisa.

Tapira, Paraíba, Gramame, Garau e Abiá, alimentados por inúmeros riachos que não secavam nunca, irrigavam fartamente essa região desaguardo no oceano diretamente entre os manguezais frondosos que se desenvolviam nos seus estuários. Era a mata virgem de vegetação higrófila e megatérmica que vicejava exuberante e rica de espécies, entrelaçada de lianas e entremeada de grupos densos de palmeiras. Tal era a situação da reserva floresta da Paraíba na época da colonização; as matas que a constituíam segundo nossos cálculos baseados em observações repetidas e confirmadas, pelo que conta a tradição, deviam cobrir 60% da superfície total do seu território (Clerot, 1969, p. 81).

É indubitável que com a extinção de uma grande área da mata paraibana deu-se também a extinção de grande parte de sua fauna, a qual, originalmente, se estendia até a capital do estado. Segundo Clerot (1969), a caça aos grandes animais, a caça indiscriminada de grande variedade de pássaros, bem como a pesca, burlando códigos legais, tornou-se numa guerra de extermínio da natureza paraibana.

Portanto, enquanto a Paraíba era habitada por indígenas, sua fauna e flora eram muito mais preservadas do que foi depois da chegada dos europeus. Os quatrocentos anos da monocultura da cana de açúcar provocaram uma alteração irreversível na flora e na fauna do litoral. Um exemplo disso é a mata atlântica, que cobre hoje apenas 2% da superfície do estado, ou seja 1.060,05 km² (106.005,14 ha.), quando originalmente era 6.578,5 km² dos 56.585 km² de superfície total do estado. Onde havia apenas indígenas, fauna e flora, hoje habitam 40% dos 3.974.687 de habitantes do estado, segundo dados do IBGE 2022.

Segue-se agora a apresentação do estudo de 58 topônimos indígenas da Paraíba.

IV. TOPÔNIMOS INDÍGENAS DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS

Nesta parte do trabalho demonstra-se um estudo detalhado da estrutura morfológica e etimológica dos topônimos. Ao final deste capítulo, é feita uma interpretação geolinguística desses topônimos — a exegese.

4.1 Apresentação do estudo toponímico

Apresenta-se neste capítulo, em ordem alfabética, a lista dos 58 topônimos dos municípios paraibanos, selecionados para esta pesquisa, seguindo o modelo de apresentação em verbete de Tavares e Isquardo (2022).

Paraíba - é o 25º das 27 unidades federativas do Brasil, localizada a leste da Região Nordeste com 223 municípios. *Etimologia*: do Tupi *pará* 'rio' + *aib-a* 'ruim'. Rio ruim (Navarro, 2013). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: hidrotônimo. *Notas*: Seria o Rio Paraíba, do qual tomou-se o nome para o estado, um

rio ruim de fato? A história da Paraíba e a fundação de João Pessoa ocorreram exatamente nesse rio, denominado de São Domingos, antes do grande tráfego de embarcações no transporte de açúcar.⁶ Segundo Herckman (1886), a qualidade ruim do Rio Paraíba referia-se à *boca do rio*, à dificuldade da entrada das embarcações na foz ou da embocadura do rio.⁷ O historiador refere-se ao rio Paraíba como "o rio da boca sinuosa" (p. 240); isso devido a um conjunto de rochas na entrada do rio, o qual tornava a entrada muito ruim e muito perigosa, pois o comandante deveria conhecer e ter atenção ao entrar, fazendo o contorno dessas rochas; a desatenção ou o desconhecimento destruiria a embarcação. Portanto, a tradução literal, sem levar em conta outros aspectos nos quais o topônimo está envolvido, não ajuda a compreender o topônimo. Então a tradução seria *rio ruim*, e o sentido geolinguístico toponímico seria *rio ruim para navegar*. Código no IBGE: 2502805. *Correlato*: Paraíba do Sul. Uso popular: "rio ruim".

1. **Algodão de Jandaíra** - município da microrregião do Curimataú Ocidental, o qual se insere na unidade geoambiental dos serrotes paraibanos, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: jandaíra, do Tupi *iandi* 'óleo' + *eira* 'abelha'. Abelha cujo mel é fino como azeite (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: corotopônimo. *Notas*: Jandaíra é uma abelha indígena endêmica do nordeste do Brasil, em extinção; seu mel é muito fino, raro, caro, e de uso medicinal. Fonte: EMBRAPA (2023). A cidade tem este nome porque foi construída onde era uma antiga plantação de algodão da fazenda Jandaíra, que na época ainda pertencia ao município de Areia. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2500577⁸.

2. **Araçagi** - município localizado na mesorregião do agreste paraibano e na microrregião de Guarabira/PB. *Etimologia*: do Tupi *arasa* 'araçá (fruta da família myrtaceae)' + *y* 'rio' (Clerot, 1969). Rio do Araçá. *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: O araçá é uma pequena goiaba selvagem, que no século XVIII era abundante nas margens do rio Araçagi. Esse topônimo é um traslado toponímico do Rio Araçagi. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2500809.

3. **Arara** - município localizado na mesorregião do agreste paraibano e na microrregião do curimataú ocidental. *Etimologia*: do Tupi *arara* 'ave grande (da família dos psitacídeos)' (Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: O local era conhecido como "Baraúnas das Araras", em virtude do grande número de aves dessa espécie ali existente por volta do ano de 1860. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2500908. *Correlato*: Araras-SP.

4. **Araruna** - é um município localizado na mesorregião do agreste paraibano, na microrregião do curimataú oriental. *Etimologia*: do Tupi *arara* 'arara' + *una* 'preto'. Ave da família dos psitacídeos (Navarro, 2013). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: Topônimo decorrente do fato de existirem lá, à época do povoamento, muitas dessas araras de penas azul-escuro. Possivelmente essa topônimo foi um traslado toponímico da serra de mesmo nome. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2501005. *Correlato*: Araruna-PR.

5. **Areia de Baraúnas** - município localizado no sertão paraibano, inserido na região metropolitana de Patos, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *ybyra* 'árvore, tronco, madeira' + *una* 'preta' + -s 'plural na língua portuguesa'. Madeira escura, duríssima e pesada (Navarro, 2013). *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: É possível que o nome Areia seja devido a algum rio ou riacho seco e que depois foi mudado para Areia de Baraúnas, para diferenciar do município de Areia-PB, cidade bem mais antiga. O nome de Areia de Baraúnas originou-se de uma grande árvore de Baraúna, que havia no terreno do patrimônio. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE 2501153.

6. **Baraúna** - município na microrregião de Barra de Santa Rosa, no semiárido brasileiro, de vegetação formada pela caatinga. *Etimologia*: do Tupi *ybyra* 'árvore, tronco, madeira' + *una* 'preto'. Madeira escura, duríssima e pesada (Navarro, 2013). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: Fitotopônimo. *Notas*: Antes da cidade só havia o capoeirão (vegetação alta) onde predominavam a malva e a Baraúna, árvore muito comum na caatinga, de madeira escura e duríssima. Devido à grande quantidade dessas árvores, a lagoa que existia na localidade de Moreira, durante muito tempo foi chamada de Lagoa das Baraúnas. Fonte IBGE (2023). Código no IBGE: 2501534. *Correlato*: Baraúna-RN.

⁶ Vide o anexo 2, a navegabilidade do rio Paraíba no século XVII.

⁷ Vide o anexo 1, no estuário, a presença de rochas fechando a boca do rio.

⁸ O uso do código do IBGE segue o modelo verbete; para evitar confusão com outros espaços geográficos homônimos.

7. **Borborema** - município situado na mesorregião do agreste paraibano e na microrregião do brejo paraibano. *Etimologia*: do Tupi *porporoey'ma poro-* 'habitante, habitador, gente' + *poro* 'reduplicação'⁹ + *ey'ma* 'sem'. Sem gente; para designar lugares ermos, despovoados e desérticos (Clerot, 1969). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: ecotopônimo. *Notas*: Considerando que o Planalto da Borborema é mais antigo, é possível, pois, que esse topônimo seja um traslado toponímico. Código IBGE 2502706. *Correlato*: Borborema-SP.

8. **Caaporã** - é um município localizado na região metropolitana de João Pessoa. *Etimologia*: do Tupi *kaá* 'mata' + *porã* 'bonito, formoso' (Carvalho, 1987). Mata Bonita, (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: animotopônimo. *Notas*: Em 1800, Caaporã chamava-se "Boca da Mata". Possivelmente "mata bonita" deve-se ao lado paraibano onde a mata é mais homogênea, contrastando com o manguezal do lado pernambucano. O local fazia parte de uma vereda por onde passavam viajantes procedentes de Goiana-PE, com destino às praias de Pitimbu e Acaú. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2503001.

9. **Caiçara** - é um município localizado na região geográfica imediata de Guarabira, na unidade geomorfológica identificada como depressão sublitorânea do estado. *Etimologia*: do Tupi *kaá* 'mata' + *ysá* 'estaca, haste'. Cerca de estaca (Clerot, 1969). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: ergotopônimo. *Notas*: Devido à intensa atividade de criação de gado nessas terras, o nome da cidade originou-se dos muitos currais de gado do século XIX, denominados *caiçaras*. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2503605. *Correlato*: Caiçara-RS.

10. **Cajazeiras** - município situado na extremidade ocidental do estado e que por sua vez encontra-se na mesorregião do sertão paraibano. *Etimologia*: do Tupi *akã* 'cabeça' + *yá* 'fruto' + *-eiro*, sufixo da língua portuguesa formador de nomes e adjetivos, ideia de relação, pessoa que faz/fabrica X¹⁰. Neste caso, indica a ideia de relação com a fruta cajá. Árvore do cajá, fruto de caroço cheio, ou fruta que é toda caroço (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: Desmembrado do município de Sousa em 1863, o nome "Cajazeiras" faz referência a uma fazenda fundada no século XVIII por Luiz Gomes de Albuquerque, onde existiam várias cajazeiras. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2503704. *Correlatos*: Cajazeiras - BA/CE/PI.

11. **Cajazeirinhas** - município inserido na unidade geoambiental da depressão sertaneja. *Etimologia*: do Tupi *akã* 'cabeça' + *y'bá*, 'fruto' + *-eiro* sufixo da língua portuguesa, formador de nomes e adjetivos, ideia de relação, pessoa que faz/fabrica X + *-inha* sufixo diminutivo da língua portuguesa + *-s* plural. Árvore do cajá. Fruta que é toda caroço. *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: A origem do nome se deu porque o terreno doado era de uma fazenda chamada Cajazeiras do Melado, então a denominaram de Cajazeirinhas, para diferenciá-la do nome da fazenda. Fonte: IBGE (2023). Código IBGE 2503753.

12. **Camalaú** - município localizado na mesorregião da Borborema e na microrregião do Cariri Ocidental paraibano, na região geográfica imediata de Monteiro. *Etimologia*: corruptela do termo em Tupi *kamaráy*, *kamará* 'camará, cambará (tipo de planta, árvore)' + *y* 'rio', rio do Camará (Medeiros, 1944). *Estrutura*: composto. *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: Cambará ou camará é uma árvore muito dura e resistente à água. Pode ser considerada uma espécie pioneira que se desenvolve bem em ambientes pobres de nutrientes, secos e muito ensolarados. Fonte: EMBRAPA (2023). Código no IBGE: 2503902.

13. **Capim** - município que localiza-se na unidade geoambiental dos tabuleiros costeiros, nos domínios da bacia hidrográfica do rio Mamanguape. *Etimologia*: do Tupi *capi'i* 'erva fina' (Navarro 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: É notável quão forte é ainda a cultura do capim para cobertura de casas, o que pode ser observado pela grande quantidade de tutoriais sobre o assunto no Youtube.com.¹¹ No final do século XVII, alguns camponeses deram início à construção de um vilarejo, cujas residências eram cobertas totalmente de capim de tabuleiro, vegetação essa que predominava na região, daí o nome Vila do Capim. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE:2504033.

⁹ Sequencialmente, houve o apagamento vocálico.

¹⁰ Forma, majoritariamente, substantivos agentivos. Muitos das palavras originadas deste morfema possuem a função de adjetivos.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=JjPuzPFusek>. Acesso em: 01 abr 2024.

14. **Caraúbas** - município localizado na região geográfica imediata de Campina Grande. *Etimologia*: do Tupi *karauba* ‘planta da família das borragináceas’ (Clerot, 1969). Espécie de árvore *tabebuia aurea* (EMBRAPA, 2023). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: A árvore é também conhecida como ipê amarelo. Às margens do Rio Paraíba existiam várias árvores conhecidas como caraubeiras, palavra da qual originou o nome da cidade de Caraúbas. Antes de Caraúbas ser fundada, ela era uma vila indígena e seus primeiros habitantes eram os índios cariris. Fonte: FAMUP (2023). Código no IBGE: 2504074. Correlatos: Caraúbas-RN; Caraúbas do Piauí-PI.

15. **Catingueira**- município localizado na região geográfica imediata de Patos, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *kaá* ‘mata’ + *tinga* ‘branco’ (Bueno, 1987; Navarro, 2013) + *eira*, sufixo da língua portuguesa, formador de nomes e adjetivos, com ideia de relação. Indica associação com a caatinga. *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O topônimo é originário de uma grande árvore, de mesmo nome (*caesalpinia pyramidalis*) que havia às margens da estrada, que servia de abrigo para os viajantes. Eram tropeiros que transportavam cereais em lombos de animais, unindo o Vale do Piancó, Sertão, e Cariri. Fonte: FAMUP (2023). Código no IBGE: 2504207.

16. **Catolé do Rocha** - município localizado na região geográfica imediata de Catolé do Rocha-São Bento. *Etimologia*: do Tupi *katuré* ‘palmeira da família das zeroxílenas, coco do Nordeste’ (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: composta híbrida. *Taxonomia*: antropotopônimo. *Notas*: O topônimo Catolé do Rocha deve-se à abundância de uma palmeira nativa, de nome “côco catolé”. O nome ‘Rocha’ é uma homenagem ao seu fundador que tinha sobrenome Rocha, o tenente coronel Francisco da Rocha. Fonte: FAMUP (2023). Código no IBGE: 2504306.

17. **Caturité** - município localizado na região metropolitana de Campina Grande. *Etimologia*: do Tupi *katu* ‘muito, bonito’ + *eté* ‘alto’ (Navarro, 2013). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: dimensiotopônimo. *Notas*: Segundo Medeiros (2016), Irineu Jofili, famoso historiador paraibano, foi o criador da lenda de um herói indígena chamado Caturité, à qual se atribui a origem do topônimo. Outra proposta é que este topônimo é um traslado toponímico da Serra do Caturité, o que corresponderia à etimologia do topônimo ‘muito alto’ (MEDEIROS, 2016). Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2504355. *Uso popular*: "bom e ilustre".

18. **Coremas** - município localizado na região geográfica imediata de Patos, no semiárido. *Etimologia*: do Tupi *kurimã* ou *kurema* ‘peixe da família do mugilídeos’ (Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: O pequeno povoado foi fundado com o nome de Boqueirão do Curema em virtude de sua localização onde o rio Piancó forma um boqueirão. Hoje, neste local, encontra-se erguida a barragem, represando as águas do maior açude da Paraíba e o terceiro do Brasil. Possivelmente a pesca do curimã de água doce tornou-se elemento marcador da cidade desde cedo. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2504801.

19. **Cubati** - município localizado na região geográfica imediata de Campina Grande, de abrangência do semiárido brasileiro na região do Seridó Oriental paraibano. *Etimologia*: do Tupi *cumaty* ‘planta que produz tinta’ (Tibiriçá, 1984), tinta cor preto brilhante (Cunha, 1989). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: o topônimo da cidade é o mesmo do Riacho Cubati. Cubati é a corruptela de *Cumati*, (Medeiros, 2016). A cidade originou-se de duas antigas fazendas. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2505006. *Uso popular*: planta d’água.

20. **Cuité** - situa-se na região Centro-Oeste do estado da Paraíba, mesorregião do agreste paraibano e microrregião do Curimataú Ocidental. *Etimologia*: do Tupi *kuia* ‘cuia ou vasilha legítima’ + *eté* ‘de existência real, excelente’. Vasilha verdadeira. Nome da planta *Crescentia Cuyeté*, L. (Sampaio, 1987). *Estrutura*: composta aglutinada. *Taxonomia*: ergotopônimo. *Notas*: A cultura da cuia vegetal foi muito forte entre os indígenas e os nordestinos. O nome Cuité tem origem no uso que os habitantes indígenas da região faziam do fruto do coitezeiro utilizado por eles na confecção de cuias, gamelas e cochos. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2505105.

21. **Cuité de Mamanguape** - município localizado na região geográfica imediata de João Pessoa, na região metropolitana do vale do Mamanguape, microrregião do litoral norte, mesorregião da mata paraibana.

Etimologia: do Tupi *mamangá* ‘flamboianzinho, tipo de arbusto (*Caesalpinia pulcherrima*)’ + *kuá* ‘enseada, porto’ + *pe* ‘caminho’ (Bueno, 1987; Navarro 2013). Enseada dos Mamangás, de acordo com Navarro (2013). Porém, interpretamos o morfema *pe* como ‘caminho’; logo a tradução literal seria ‘caminho dos Mamangás’. *Estrutura:* composto aglutinado. *Taxonomia:* corotopônimo. *Notas:* O povoado de Cuité de Mamanguape só começou a formar-se a partir de 1773, ou seja, setenta anos depois de Cuité do Curimataú. Fonte: IBGE (2023). Infere-se disso um forte indício de transplante toponímico. Código no IBGE: 2505238.

22. **Cuitegi** - município localizado na região geográfica Imediata de Guarabira e integrante da região metropolitana de Guarabira. *Etimologia:* do Tupi *kuiá* ‘cuia, vasilha’ + *eté* ‘de existência real, excelente’ + *y* ‘rio’. Rio das Cabaças (Tibiriçá, 1985). *Estrutura:* composto aglutinado. *Taxonomia:* hidrotopônimo. *Notas:* Conta-se que os tropeiros que iam para Mamanguape paravam debaixo dos coitezeiros para descanso da tropa e, só depois, seguiam viagem. Cuitegi ficava em seu itinerário. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2505204.

23. **Guarabira** - município localizado na região de transição entre a planície litorânea e as elevações do planalto da Borborema. *Etimologia:* do Tupi *guaravira* ‘sarapó, peixe gimnotídeo’ (Navarro, 2013). *Estrutura:* simples. *Taxonomia:* zootopônimo. *Notas:* O topônimo é o mesmo que designa o Rio Guarabira. É possível que tenha havido um traslado toponímico para a cidade. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2506301. *Uso popular:* "morada das garças".

24. **Gurinhém** - município localizado na região geográfica imediata de João Pessoa. *Etimologia:* do Tupi *kuri* ‘peixe bagre’ + *nheng* ‘falar’. Barulho/Fala dos bagres (Sampaio, 1985; Navarro, 2013). *Estrutura:* composto aglutinado. *Taxonomia:* zootopônimo. *Notas:* Provavelmente, o topônimo é um traslado toponímico do rio Gurinhém, o qual deu origem ao nome do município. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2506400.

25. **Ibiara** - município do sertão paraibano localizado na área geográfica do semiárido brasileiro, região metropolitana do Vale do Piancó. *Etimologia:* do Tupi *yby* ‘terra’ + *ara* ‘alto, parte superior’ (Sampaio, 1985; Bueno, 1987). *Estrutura:* composto aglutinado. *Taxonomia:* dimensiotopônimo. *Notas:* A cidade tem 341 metros de altura acima do nível do mar, o que coaduna com o topônimo. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2506608. *Uso popular:* "terra que tem dono".

26. **Igaracy** - município localizado na região metropolitana do Vale do Piancó, no semiárido brasileiro. *Etimologia:* do Tupi *ygara* ‘canoa’ + *-asu* ‘grande’ (Tibiriçá, 1985). *Estrutura:* composto aglutinado. *Taxonomia:* ergotopônimo. *Notas:* Pelo decreto-lei estadual nº 5333, de 7 de janeiro de 1992, o município de Boqueirão dos Cochos passou a denominar-se Igaracy. Segundo a tradição, o nome Boqueirão dos Cochos originou-se dos cochos com os quais os indígenas da região atravessaram o riacho do Boqueirão. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2502607.

27. **Ingá** - município localizado na região metropolitana de Itabaiana, na depressão sertaneja, unidade geoambiental típica do semiárido nordestino. *Etimologia:* do Tupi *ingá* ‘fruta da família das leguminosas’ (Bueno, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura:* simples. *Taxonomia:* fitotopônimo. *Notas:* Devido à antiguidade das itacoatiaras do rio Ingá, é quase certo que houve um traslado toponímico do rio para nominar a cidade, já que pela lei provincial nº 3, de 23-05-1846, a Vila do Imperador passou a denominar-se Ingá. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2506806.

28. **Itabaiana** - é um município localizado na microrregião de Itabaiana, desempenhando um papel centralizador como uma região metropolitana de Itabaiana, instituída em 21 de Janeiro de 2013. *Etimologia:* do Tupi *tobaiara* ‘inimigo’ (nome que designavam outro povo indígena) (Bueno, 1987). *Estrutura:* simples. *Taxonomia:* etnotopônimo. *Notas:* “O topônimo foi grafado erradamente com *i* inicial. *Tabajara* ou *tobaiara* significa ‘inimigo fronteiriço’, o que historicamente coaduna-se com a situação dos tupi da costa e dos tapuios (Cariri) rechaçados para o interior e que, na Paraíba, viviam a partir dos contrafortes orientais da Borborema” (Clerot,

1969, p. 148). Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2802908. *Uso popular*: "morada das almas" e "pedra que dança". *Correlato*: Itabaiana-SE.

29. **Itaporanga** - município localizado na região metropolitana do Vale do Piancó, situado no alto sertão paraibano. *Etimologia*: do Tupi *ita* 'pedra' + *porang* 'bonita', pedra bonita (Bueno, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: animotopônimo. *Notas*: Itaporanga, ex-Misericórdia, é palavra de origem indígena que significa 'pedra bonita', em alusão aos tabuleiros pedregosos e ondulados de considerável elevação e escassa vegetação. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2507002. *Correlato*: Itaporanga-SP.

30. **Itapororoca** - município localizado na região geográfica imediata de Mamanguape-Rio Tinto, localizada na mesorregião da mata paraibana. *Etimologia*: do Tupi *ita* 'pedra' + *pororoca* 'explosão, arrebetamento de água na pedra'. (Bueno, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: "A área desse município tem uma anomalia hidrogeológica, que segundo Neves (2006), trata-se de um acúmulo anormal de água localizado em sua área central causado por infiltrações abundantes que se instalam nas fendas decorrentes da formação rochosa existente no local que é extremamente propícia a estes acúmulos" (ARAÚJO, 2010, P. 32). Código no IBGE: 2507101.

31. **Itatuba** - município localizado no planalto da Borborema, inserida na Serra do Bodopitá, na região metropolitana de Campina Grande. *Etimologia*: do Tupi *ita* 'pedra' + *tyba* 'ajuntamento, coletividade'. Pedreira (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: litotopônimo. *Notas*: Em fotos e sites de turismo pode-se ver, num lugar chamado Serra Velha, que há um conjunto de pedras gigantes, situadas em pontos de alto relevo onde é comum a prática de turismo e esporte de aventura como rapel e escalada. Essas pedras (*ita*), formando um conjunto (*tyba*), fazem juz ao topônimo da cidade. Código no IBGE: 2507200.

32. **Jacaraú** - município localizado na região geográfica imediata de Mamanguape-Rio Tinto. *Etimologia*: do Tupi *iakare* 'jacaré' + *y* 'rio', rio do Jacaré (Bueno 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: Contam os sobreviventes de uma geração que seus antecedentes falavam de grandes jacarés na lagoa existente à margem da atual cidade. O lugar era um ponto de apoio ou pousada de tropeiros, no século XIX, os quais buscavam atravessar de Mamanguape na Paraíba à Nova Cruz no Rio Grande do Norte. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2507309. *Correlato*: Jacaraú-PA.

33. **Juazeirinho** - município localizado na região geográfica imediata de Campina Grande, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *iua* 'juá, árvore *ziziphus joazeiro*' + *-eiro*, sufixo da língua portuguesa, formador de nomes e adjetivos, ideia de relação, pessoa que faz/fabrica X + *-inho* sufixo diminutivo da língua portuguesa. Árvore típica do semiárido brasileiro (Navarro, 2013). *Estrutura*: composto híbrido. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O juazeiro é uma árvore da caatinga, a única que fica verde em meio a toda vegetação cinza em tempo de seca. A cidade começou pela povoação a partir da Fazenda "Joazeiro", onde hoje é Juazeirinho. O nome foi passado para o diminutivo em 1957, talvez para diferenciar-se do Juazeiro-CE das peregrinações religiosas. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2507705.

34. **Juripiranga** - localizado na região geográfica imediata de João Pessoa. *Etimologia*: do Tupi *iuru* 'boca' + *pirang* 'vermelho'. Boca-vermelha, peixe da família dos taquissurídeos, bagre (Navarro, 2013). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: Um pequeno rio passa por dentro da cidade, causando cheias invasivas à cidade. Infere-se que o nome deste rio esteja relacionado à pesca ou à quantidade de peixe "boca vermelha". Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2507903. *Uso popular*: "aves que cantam".

35. **Juru** - município situado na região geográfica imediata de Princesa Isabel, na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *iuru* 'boca', referindo-se à embocadura do rio (Sampaio, 1987). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: somatopônimo. *Notas*: O Rio Juru deve ter fornecido o nome da cidade num traslado toponímico. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2508000. *Uso popular*: "ave multicolor".

36. **Mamanguape** - município localizado na Mesorregião da Zona da Mata Paraibana, mais precisamente na microrregião do litoral norte. *Etimologia*: do Tupi *mamangá* ‘flamboianzinho, tipo de arbusto (Caesalpinia pulcherrima)’ + *kuá* ‘enseada, porto’ + *pe*, ‘caminho’ (Bueno, 1987; Navarro 2013). (Ver topônimo 20). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O rio Mamanguape, que tem sua enseada na foz, possivelmente chamava atenção das navegações pela exuberância da enseada florida de flamboiãs; o nome da enseada tornou-se o nome do rio do qual a cidade tomou emprestado. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2508901. Uso popular: "no bebedouro".

37. **Manaíra** - município localizado na região intermediária de Patos e na região imediata de Princesa Isabel, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *amana* ‘chuva, nuvem’ + *eira* ‘abelha, mel’. Enxame de abelha meliponífera (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: O topônimo é baseado em conto popular que mostra que a denominação Manaíra, ou Seios de Mel, em Tupi, foi escolhida em homenagem a uma indígena daquela terra, que foi sacrificada pelo pai (Boiassu), por ela ter traído o noivo Piancó, com um colonizador. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2509008. *Uso popular*: "mel cheiroso", "Seios de mel".

38. **Mari** - município localizado na região geográfica imediata de João Pessoa, na mesorregião da mata paraibana.. *Etimologia*: do Tupi *umari*. Nome da árvore leguminosa *geoffroea spinosa* Jacq. (Carvalho, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: Fitotopônimo. *Notas*: O nome "umari" ou "mari" é a fruta *Geoffroea spinosa*, usado como alimento no nordeste, (CLEONÁRIA et al., 2016). Fonte: EMBRAPA (2023). Código no IBGE:2509107.

39. **Massaranduba** - município da região metropolitana de Campina Grande. *Etimologia*: do Tupi *mosorandyba* ‘massaranduba’. Árvore sapotácea, de excelente madeira e fruto comestível (Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: Fitotopônimo. *Notas*: Nos anos de 1918 existia uma grande árvore de mesmo nome no local onde hoje se encontra edificada a cidade de Massaranduba, cuja sombra foi construída uma barraquinha para a venda de bebidas e lanches para os viajantes que por ali passavam. Era de propriedade de Antônio Gomes. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE:2509206. Correlato: Massaranduba-SC

40. **Mataraca** - município localizado na região geográfica imediata de Mamanguape-Rio Tinto. *Etimologia*: do Tupi *má* (forma reduzida de *ybá*, ou *y'ma*) ‘árvore’ + *etá* ‘abundar’ + *ara*, ‘dia’ + *cae*, ‘antes’ (Sampaio, 1987; Navarro, 2013). Foi-se a floresta (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: animotopônimo. *Notas*: Os topônimos *Mataraca* ‘muita árvore antes’, e *Camaratuba* ‘ajuntamento de Camará’ ambos na mesma região geográfica, pode indicar o fim do que foi uma exuberante floresta de madeira de lei. O topônimo é um provável traslado toponímico do Sítio Mataraca, o qual é anterior à cidade. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE:2509305. *Uso popular*: "monte de formigas".

41. **Mogeiro** - município localizado na região geográfica imediata de Itabaiana. *Etimologia*: do Tupi *mong* ‘pegajoso’ + *eira* ‘mel’. Mel pegajoso (Medeiros, 2016). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: dirrematotopônimo. *Notas*: A região onde se situa o município era primitivamente habitada pelos índios Cariris. A formação da cidade começou pelas terras situadas entre o rio Paraíba e o riacho Mogeiro, riacho do qual a cidade recebeu o topônimo. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2509404.

42. **Natuba** - município localizado na região geográfica imediata de Itabaiana no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *nana* ‘ananás’ + *tyba* ‘ajuntamento, coletividade’. Anananzal (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O único tipo de ananás em ajuntamento na caatinga é o típico ananás bravo que, embora não muito comestível, chama a atenção pela beleza ornamental da planta. Era o mesmo tipo de ananás de Puxinanã: um abacaxi selvagem. Fonte: EMBRAPA (2023). Código no IBGE: 2509909.

43. **Parari** - é um município localizado na região geográfica imediata de Sumé, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *pairari*. É o nome da ave *zenaida auriculata vergata*, da família *columbidae* vulgarmente conhecida como voante ou arribação (Clerot, 1969; Cunha, 1976). *Estrutura*: simples *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: A localidade que hoje é conhecida como Parari, originou-se de um sítio chamado Sítio das Pombas, de fundação antiga, visto que são encontrados registros de tal sítio já em 1709. O Topônimo Pombas, que batizou o sítio e o povoado por muitos anos, origina-se da grande quantidade dessa ave que pousava no poço do rio que banha esta região. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2510659.

44. **Piancó** - município localizado na região metropolitana do Vale do Piancó, no sertão central do semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *apya'ma* 'inclinado' + *ko* roça. Roça inclinada (Tibiriçá, 1985) *Estrutura*: simples *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: O topônimo da cidade de Piancó parece ser resultado de um traslado toponímico do Rio Piancó (e Piancozinho, seu afluente) que, segundo Medeiros (2016), deu o nome à cidade. Elevado à categoria de vila com a denominação de vila constitucional de Santo Antônio do Piancó, pelo decreto de 11-12-1831. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2511301.

45. **Picuí** - município localizado na região geográfica imediata de Cuité-Nova Floresta, inserido na unidade geomorfológica do Planalto da Borborema, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *apicui* 'rolinha fogo-pagou', pequena ave da família dos columbídeos (Carvalho, 1987; Navarro, 2013). Corruptela de *apicui* 'pomba pequena, rola' (Sampaio, 1987). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: Em 1704, começou-se o povoamento das terras próximas ao um riacho que era chamado pelos indígenas de Pucuí (Picuí), o qual ocorre de sul a norte e despeja no Acauã, no Estado do Rio Grande do Norte, sendo afluente do rio Piranhas. Isso indica um traslado toponímico. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2511400.

46. **Pirpirituba** - município localizado na região geográfica imediata de Guarabira. *Etimologia*: do Tupi *piripiri* 'junco' + *tyba* 'ajuntamento, coletividade'. Local onde tem muito junco, ou brejo, charcos (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O junco é uma planta com a qual se faz enchimento de colchão, esteiras, cestos, bolsas, etc. Parece que este topônimo é um memorial à cultura do junco na economia antiga. Pirpirituba é um caso de traslado toponímico, pois segundo Medeiros (2016), famílias vieram de Guarabira e, então, começou-se o povoamento da cidade ao lado do Rio Pirpirituba. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2511806.

47. **Pitimbu** - município localizado na região metropolitana de João Pessoa, inserido na unidade geoambiental dos tabuleiros costeiros. *Etimologia*: do Tupi *Potim* 'camarão' + *bura* 'borbulha, emersão' (Bueno, 1987; Navarro, 2013). Onde borbulha camarão. *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: o topônimo coaduna-se com a principal atividade econômica do Município que é a pesca do camarão e da lagosta. Fonte: IBGE. Código no IBGE: 2511905. *Uso popular*: "Olho d'água do fumo". *Correlato*: Pitimbu (bairro de Natal-RN).

48. **Puxinanã** - município pertencente à região metropolitana de Campina Grande. *Etimologia*: do Tupi *poxy* 'ruim' + *naná* 'ananás ou abacaxi'. Abacaxi ruim (Bueno, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O topônimo "Puxinanã" significa "ananás ruim (incomestível)", que pode ser referência ao fruto da bromélia da caatinga (*A. comosus* var. *bracteatus*), um tipo de mini abacaxi ornamental. Fonte: EMBRAPA (2023). Código no IBGE: 2512408.

49. **Quixaba** - um município localizado na região geográfica imediata de Patos e integrante da região metropolitana de Patos, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *kesaba* 'quixaba' (*Sideroxylon obtusifolium*). Poleiro, lugar de dormir, rede, cama (Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: Segundo relatos, na região onde se situa o município, existiam duas fazendas, Quixaba Velha e Quixaba, que deram origem ao atual município de Quixaba, por volta de 1900. Fonte: (cidadesdomeubrasil.com.br). O topônimo é nome de uma árvore da caatinga (*Sideroxylon obtusifolium*) famosa pela sua copa frondosa, a qual proporciona grande área de sombra, árvore paisagística, como também usada

medicinalmente. Fonte: EMBRAPA (2023). Erro no IBGE: as informações históricas do IBGE foram trocadas pelas de Pernambuco. Código no IBGE:2512606. Correlato: Quixaba-PE.

50. **São José do Sabugi** - município localizado na região geográfica imediata de Patos e integrante da região metropolitana de Patos, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *sapo* ‘raiz’ + *ÿ* ‘rio’. Rio das raízes, rio de manguezal (Sampaio, 1987). *Estrutura*: composto aglutinado *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: O topônimo pertence ao Rio Sabugi. Nome transferido para dois municípios da Paraíba, Sabugi (atual Santa Luzia) e São José do Sabugi. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2514701. *Uso popular*: "olho d'água rumoroso".

51. **São Vicente do Seridó**¹² - município localizado na região do seridó oriental paraibano, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Cariri *seridó* ‘árvores sem folha ou de pouca sombra’ (Jacinto, 2020). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: O distrito de Santo Antônio passou a ser chamado de Seridó. Anos depois o povoado passou a ser chamado de São Vicente, em homenagem à família de Antônio Vicente, antigo morador da comunidade que doou o terreno para a construção da Capela São Vicente Férrer. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2515401.

52. **Sapé** - município localizado na mesorregião e região imediata de João Pessoa. *Etimologia*: do Tupi *sapé* ‘planta da família gramínea, *imperata brasiliensis*’ (Navarro, 2013). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: Parece haver uma mesma motivação toponímica para os topônimos *Sapé* e *Capim*, pois ambos fazem parte da mesma região geográfica, e ambos fazem parte da cultura do capim dos tabuleiros. A denominação "Sapé" originou-se da existência de um tipo de capim abundante na região. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE:2515302.

53. **Sumé** - município localizado na região geográfica imediata de Sumé, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *Sumé* ‘Sumé’ (nome próprio) (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: mitotopônimo. *Notas*: Segundo Sampaio (1987) o vocábulo Sumé foi alterado para Zomé, Tomé e Zuma. Segundo a mitologia Tupi, Sumé é um espírito misterioso que pratica o bem e ensina a cultivar a terra. Identificado como São Tomé pelos missionários da época. Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2516300

54. **Tacima** - município localizado na região metropolitana de Araruna, inserido na unidade geoambiental da depressão sertaneja. *Etimologia*: do Tupi *ita* ‘pedra’ + *sym* ‘escorregadia’, ‘pedra lisa, escorregadia’ (Tibiriçá, 1985). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: litotopônimo. *Notas*: o topônimo é uma referência a um maciço granítico com 108 metros de altura, objeto de festa religiosa há mais de cem anos na cidade de Tacima. Fonte: (caicara.pb.gov.br). Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE:2516409. *Uso popular*: “formigueiro”.

55. **Taperoá** - município localizado na região geográfica imediata de Campina Grande, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *tapi'ira* ‘anta’ + *y* ‘rio, água’ + *-a* ‘caso argumentativo’. Lugar onde as antas bebem água (Navarro, 2013). Rio das Antas. *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: hidrotopônimo. *Notas*: Certamente há aqui mais um caso de traslado toponímico de um hidrotopônimo, pois os colonos europeus do atual município de Taperoá receberam da Coroa, em 1703, as terras na encosta da serra da Borborema numa extensão de doze léguas à margem do rio Unebatucu (hoje Rio Taperoá). Fonte: IBGE (2023). Código no IBGE: 2516508. *Uso popular*: morador de taperas.

56. **Uiraúna** - município localizado na região geográfica imediata de Sousa, no alto sertão paraibano. *Etimologia*: do Tupi *guyra* ‘ave’ + *una* ‘preto’. Pássaro escuro (Bueno, 1987; Navarro, 2013). *Estrutura*: composto justaposto. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: O nome original Tupi *Guyrauna* pode ser uma referência ao nome do pássaro *Gnorimopsar chopi*, também conhecido popularmente como graúna, assum-preto, chico-preto, chopim e melro, de habitat no semiárido¹³. Código no IBGE: 2516904.

¹² O município de Junco do Seridó-PB também traz esse mesmo sentido geolinguístico.

¹³ Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/10723-Gnorimopsar-chopi>. Acesso em 08 abr. 2024.

57. **Umbuzeiro** - município localizado na microrregião de Campina Grande, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Tupi *y* ‘água’ + *mbú* ‘emitir’ + *-eiro*, sufixo da língua portuguesa, formador de nomes e adjetivos, ideia de relação, pessoa que faz/fabrica X. O que emite água. O nome da *Spondias tuberosa*, árvore da família das Anacardiáceas, em cujas raízes formam-se tubérculos que armazenam água (Clerot, 1969). *Estrutura*: composto aglutinado. *Taxonomia*: fitotopônimo. *Notas*: Possivelmente temos aqui um traslado toponímico já que a cidade possui alguns riachos intermitentes, entre eles o Riacho Umbuzeiro. Fonte: IBGE. Código no IBGE: 2517001.

58. **Zabelê** - município localizado na região geográfica imediata de Monteiro, no semiárido brasileiro. *Etimologia*: do Pataxó, *zabelê* ‘ave do canto forte’¹⁴. *Estrutura*: simples. *Taxonomia*: zootopônimo. *Notas*: O topônimo Zabelê tem origem na fazenda de mesmo nome, onde começou o povoamento. Diz-se que o nome Zabelê deu-se devido ao fato de haver nestas terras muitos juazeiros cheios de frutinhas que no mês de maio soltavam-se das árvores, e servia de alimento para um pássaro típico da região chamado Zabelê. Fonte IBGE (2023). Código no IBGE:2517407.

4.2. Exegese dos dados

Segundo Dick (1981) a língua Tupi preservou nos vocábulos fossilizados as tipicidades de múltiplos domínios de experiência humana, como também de uma realidade ambiental diversificada. Portanto, neste capítulo, procura-se apresentar uma interpretação dos grupos taxonômicos dos topônimos estudados, a fim de se conhecer um pouco da cultura, da história e dos valores da vida e do ambiente da população da Paraíba antiga. Assim será apresentada a ordem de taxonomia de maior ocorrência. Para isso, além da classificação taxonômica de Dick (apresentada anteriormente), os topônimos serão classificados em categorias maiores, a fim de que sejam compreendidos e interpretados, a partir da localidade e da época em que foram empregados. Tem-se, portanto, o intuito de descrever aspectos da toponímia indígena dos municípios paraibanos como terminologias indicadoras de recursos naturais e condições de vida entre os séculos XVIII e XIX.

A partir do estudo etimológico e estrutural identificou-se cinco grandes temas relacionados semanticamente com os topônimos: cosmovisão indígena, necessidades básicas, comódite primário, recursos ambientais, e trabalho. A *cosmovisão indígena* é a percepção e integração com o todo. *Comódite primário*, também chamado matéria prima ou primária, é o material básico em estado não processado que é utilizado para produzir mercadorias, produtos acabados, energia ou, materiais intermediários que são matérias-primas para futuros produtos acabados. *Recursos ambientais* envolvem mares, lagos, rios, solos, subsolos, atmosfera e os elementos da biosfera, como os seres vivos da terra e seus habitats, e que abrange regiões da litosfera, da hidrosfera e da atmosfera. *Trabalho* é um conjunto de atividades, produtivas ou

¹⁴ Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-zabele-pataxo/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

criativas, que os seres humanos exercem, para cujo objetivo é fazer, transformar ou obter algo para realização pessoal e desenvolvimento econômico.

Para facilitar a identificação e interpretação dessas cinco grandes categorias de temas, foi feita uma subdivisão dos recursos materiais e condições de vida em configuração mais específica, a partir da etimologia toponímica. São os seguintes: *Necessidades básicas*: Água, Alimento, Sombra, Medicamento. *Cosmovisão indígena*: impressão estética. *Recursos ambientais*: desertos, serras, habitantes. *Trabalho*: manufatura. *Comódite primário*: matéria prima. Infere-se deste estudo que todos os topônimos têm dupla propriedade toponímica: sua classificação taxonômica e sua relação geolinguística. Por exemplo, Araçagi é um hidrotopônimo, que foi batizado com o nome de uma fruta (araçá) que servia de alimentação. Portanto, o resultado do estudo foi o seguinte:

Fitotopônimos

Alimento: *Cajazeiras, Ingá, Mari, Massaranduba, Umbuzeiro*

Sombra: *Catingueira, Quixaba*

Estética: *Caraúbas (Ypê Amarelo), Natuba, Puxinanã, Juazeirinho, Mamanguape*

Matéria prima: *Baraúna, Camará, Massaranduba, Pirpirituba, Sapé, Cuitê, Capim*

Medicamento: *Juazeirinho, Quixaba*

Deserto: *São Vicente do Seridó*

Zootopônimos

Alimento: *Coremas, Cubati, Juripiranga, Manaíra, Zabelê,*

Guarabira, Gurinhém, Pitimbu, Picuí, Parari

Estética: *Arara, Araruna, Uiraúna,*

Hidrotopônimos

Alimento: *Araçagi, Jacaraú,*

Água: *Itapororoca, Juru, Taperoá*

Matéria prima: *Camalaú, Cuité, São José do Sabugi,*

Ergotopônimo

Manufatura: *Caiçara, Cuité, Igaraci*

Animotopônimo

Estética: *Itaporanga, Mataraca, Caaporã*

Dimensiotopônimo

Serras: *Caturité, Ibiara*

Corotopônimo

Alimento: *Algodão de Jandaíra*

Estética: *Cuité de Mamanguape*

Ecotopônimo

Deserto: *Borborema*

AntrotopônimoAlimento: *Catolé do Rocha***Etnotopônimo**Habitantes: *Itabaiana***Dirrematotopônimo**Alimento: *Mogeiro***Litotopônimo**Estética: *Tacima, Itatuba***Somatopônimo**Água: *Juru*

Segundo Dick (1981), as causas nominativas dos topônimos são os motivos que mais impressionam a mente do denominador, por exemplo, água para quem mora no deserto; ou seja, os elementos significativos de um topônimo são elementos distintivos e de grande valor para seus denominadores. É esse atributo que torna o topônimo um complexo linguístico motivado. Vira topônimo aquilo que impressiona os olhos; são os motivos que mais impressionam a mente do denominador que formarão o topônimo.

Constata-se nessa pesquisa o que postula Isquierdo (2019), que no ato de nomear uma cidade, o nomeador transfere para o nome do lugar, para o topônimo, sua própria cosmovisão: impressões pessoais, valores, crenças e expectativas. Isso significa que a análise lexical pode revelar o ambiente físico ou social dos falantes de uma língua, ou seja, o estudo de um topônimo pode tornar-se num resgate das características ambientais implícitas nele. Segundo Isquierdo (2019), ao nominar um lugar, imprime-se “uma marca identificadora sobre o referente nomeado, pois é ele quem traz, para os designativos geográficos, a verdadeira psicologia popular, paralelamente ao agir oficial ou sistemático, enfocando, quantas vezes o que de mais significativo oferece a região” (p. 11).

Por fim, procede-se agora com a interpretação geolinguística da toponímia da Paraíba dos séculos XVIII e XIX, descrevendo-se os recursos naturais e as condições de vida implícitos nos topônimos indígenas de seus municípios.

Terra. Extensas terras desabitadas (*Borborema*), sem sombras (São Vicente do Seridó), montanhosas (*Caturité*) com muitas serras (*Araruna*) e terras altas (*Ibiara*). Lindas formações rochosas (*Itatuba, Tacima*) e lugares selvagens com visão paradisíaca (Itaporanga). Também

havia terras com poucas árvores, cobertos por vegetação rasteira (*Sapé, Pirpirituba*) e aquáticas (*São José do Sabugi*).

Fauna. Era um Ambiente selvagem, com grandes animais nativos (*Taperoá, Jacaraú*), pássaros (*Uiraúna, Picuí, Parari*) pássaros hoje extintos na região (*Arara, Araruna*), e outros animais entrando em extinção (*Zabelê, Jandaíra*).

Flora. A vegetação com mata atlântica exuberante (*Caaporã*) mas com a destruição já em andamento (*Mataraca*). Havia abundante madeira de lei usada para construção de canoas (*Baraúna, Massaranduba*) confecção de flechas (*Camalaú*) e equipamentos de cozinha (*Cuité, Cuitegi*), bem como vegetação rasteira usada para a cobertura de casas (*Sapé, Capim*) fabricação de esteiras, cestos, colchões (*Pirpirituba, São José do Sabugi*). Pode-se incluir nesta lista a vegetação da caatinga que servia apenas para descansar e dormir à sua sombra (*Catingueira, Quixaba, Cuitegi*), e também as espécies admiradas pela beleza (*Puxinanã, Natuba, Caraúbas, Juazeirinho, Mamanguape*) e pelas propriedades curativas de enfermidades (*Juazeirinho, Quixaba*).

Hidrografia. As cidades, na maioria, surgiram ao lado de um rio. Embora muitos municípios estivessem no semiárido, ainda assim havia muitos rios grandes e perenes (*Piancó, Umbuzeiro*) rios pequenos e temporários (*Araçagi, Juru, Cuité, Cuitegi*) lagos (*Jacaraú*), riachos (*Juripiranga*) e fenômenos hidrodinâmicos, como fontes de águas jorrantes (*Itapororoca*).

Alimentação. Muita alimentação à base de animais grandes (*Jacaraú, Taperoá*) peixes (*Gurinhém, Guarabira, Juripiranga, Cubati, Coremas*) e crustáceos (*Pitimbu*), como também aves (*Parari, Picuí, Zabelê*), frutas (*Ingá, Mari, Massaranduba, Araçagi, Cajazeiras, Cajazeirinhas, Umbuzeiro*) e mel (*Algodão de Jandaíra, Mogeiro*).

Arte. Utensílios de cozinha (*Cuité, Cuitegi*), a confecção de canoas primitivas (*Igaraci*) e cercas de vegetação para conter animais (*Caiçara*), arquitetura das casas (*Capim, Sapé*), fabricação de colchão, cestas e esteira de junco (*Pirpirituba, São José do Sabugi*).

Etnias inimigas. O topônimo *Itabaiana* não foi encontrado em nenhuma lista ou dicionário de topônimos, como também não suporta qualquer decomposição etimológica. Por isso, concordamos com Clerot (1969) e Sampaio (1987) que tal topônimo foi grafado erroneamente. O correto seria *tabajara* ou *tobaiana*, que significa *inimigo fronteiro*, o que historicamente concorda com a relação de inimizade que os Tupi da costa tinham com os tapuios (Cariri), no caso da Paraíba, empurrados para o interior, que viviam a partir dos contrafortes orientais da Borborema (Clerot, 1969, p. 148). O mesmo topônimo já aparece em 1675 nominando uma serra no agreste de Sergipe (IBGE), local habitado por índios não Tupy,

que veio a ser a atual Itabaiana sergipana. Fator coincidente é que as duas Itabaiana (s) estão protegidas por rios e serras, o que parece marcar a proteção dos ambientes de habitação dos povos indígenas inimigos dos Tupy.

Quanto aos resultados desta pesquisa, constatou-se:

- a) os topônimos dos municípios paraibanos estão mais associados com elementos físico-naturais, como rios, lagos, enseadas, florestas, morros, serras, que tangenciam ou fazem parte da formação natural, antes do povoamento. Como afirma Dick (1981) “é nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante, pela importância dos fatores geográficos envolvidos no próprio processo de ocupação do solo, e onde avultam, para nós, aqueles de origem hidrográfica” (p. 48).
- b) a maioria dos topônimos desta pesquisa apresentou uma relação mais associativa do que descritiva ou metafórica, com o objeto nominado (Dick, 1980, p. 66). Isso reforça a etimologia indígena dos topônimos;
- c) as três maiores classificações taxonômicas encontradas nesta pesquisa foram os fitotopônimos, zootopônimos e hidrotopônimos; ou seja, a mata, os animais e a água;
- d) a nomenclatura indígena condiz com a Paraíba do século XVIII e XIX descrita por Clerot (1969) em seu livro de 30 anos de pesquisa na Paraíba do século XVIII;
- e) é notável como 58 topônimos revelam aspectos verdadeiros da região dos municípios, a ponto de poderem ser estudados, verificados e certificados de sua significação;
- f) sobre a antiguidade dos topônimos e sua originalidade tupi, poucos aparecem em uso no século XVIII, sendo a maioria deles empregada a partir do século XIX. Embora Navarro (2020) tenha criticado o topônimo *Itaporanga-PB*, considerando-o como topônimo artificial (por denominar terras Cariri), entende-se, a partir da literatura toponímica indígena, que dizer que topônimos Tupi em áreas Cariri são artificiais, não coaduna com a história de expansão da língua Tupi, como bem afirma Sampaio (1987):

As bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda a parte onde penetravam, estendiam os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde, se introduzia com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos. Recebiam, então, um nome tupi as regiões que se iam descobrindo e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nelas jamais tivesse habitado uma tribo de raça tupi (Sampaio, 1987, p.71).

- g) a originalidade dos topônimos e a antiguidade de alguns deles podem ser percebidos em topônimos como *Pirpirituba*, *Sapé*, *Capim Natuba* e *Puxinanã*, *Borborema*, os quais indicam não somente aspectos sobre o lugar, mas também aponta para a primazia dos seus

denominadores ao relatarem uma terra original, livre de desflorestamentos acontecidos a partir da ocupação colonial.

CONCLUSÃO

Neste trabalho demonstrou-se, com o estudo dos 58 topônimos indígenas, que há muitos aspectos elucidados por um único topônimo, envolvendo uma relação com o ambiente, tornando possível inferir-se a partir dos objetivos desta pesquisa, pistas para descrever ou falar do que, possivelmente, foram os recursos naturais e condições de vida nos municípios da Paraíba entre os séculos XVIII e XIX.

Foi constatada uma lista de características originais dos topônimos que indicam que não parecem ter sido criados nos últimos séculos por ocasião da formação das cidades, mas sim, que eles já existiam por ali há muito tempo. Ficou demonstrado que, à época da formação dos municípios paraibanos, muitos desses topônimos já estavam cristalizados e circulando por outras regiões do Brasil (o caso dos correlatos), refletindo, até hoje, a realidade da vida e ambiente daquela época.

Também verificou-se que a Paraíba dos topônimos indígenas é a Paraíba da história registrada por historiadores como Francisco Clerot e Elias Herckman. Logo, esta pesquisa evidencia que a toponímia indígena dos municípios paraibanos não deixará cair no esquecimento a memória da cultura e da cosmovisão dos povos originais das terras paraibanas. Os rios mais importantes que sustentam as cidades paraibanas, que representam a água para os nordestinos, estão marcados pelos topônimos de seus primeiros usuários.

Que interesse ou motivação levaria alguém a colocar o nome de um peixe ruim (*Gurinhém*: bagre; *Guarabira*: sarapó) numa cidade? Ou de uma planta espinhosa da caatinga, sem muita utilidade prática (*Puxinanã* e *Natuba*: abacaxi da macambira)? Ou de um monte de capim considerado hoje praga na agricultura (*Sapé*, *Capim*: capim dos tabuleiros)? Ou o nome de um monte de junco (Pirpirituba)? Pode-se inferir que a causa nominativa dos topônimos Tupi no Brasil foi um modismo na época do movimento cultural indianista brasileiro? Ficou evidente que a resposta é *não*. Foi apreendido que as causas nominativas dos topônimos são os motivos que mais impressionam *a mente* do denominador, e que, de fato, a toponímia indígena transmite a cultura, os recursos materiais e as condições de vida de uma geração a outra. Isso significa que não é tão simples falar de causas nominativas toponímicas; por isso existe uma ciência linguística específica para tais estudos.

Ao comer um umbu maduro, uma goiaba araçá selvagem, ao se deliciar com uma vagem de ingá, ou com um prazeroso suco de cajá, os nomes Tupi dessas frutas devem nos lembrar que um dia esse foi o mesmo prazer de quem estava em paz na sua terra.

Ao viajar pela Paraíba, subindo o planalto da Borborema, cruzando os rios Paraíba e Piancó; ao comprar móveis feitos de massaranduba ou camará; ao contemplar a beleza de uma caraúba florando (ypê amarelo); ao ouvir o canto de uma arara azul; ao avistar num zoológico a anta e o jacaré; no mato as aves de arribação, a rolinha, o zabelê; até mesmo ao pisarmos num monte de capim ou junco, é dever de todo paraibano trazer à memória que toda essa realidade e cosmovisão estão inscritos nos topônimos das cidades da Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANANIAS, A. C. C. S; TAVARES M. Causas denominativas na categoria dos cronotopônimos: os nomes dos municípios brasileiros. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v.64, p. 1-15, e022011, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8665027/28410>. Acesso em: 29 nov. 2023.

_____; ZAMARIANO, M. Construção da identidade toponímica: os nomes dos municípios paranaenses. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 16, p. 185-208, Dez 2014. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br> Acesso em: 11 out. 2023.

ARAÚJO, L. C. Desperdício de água no município de Itapororoca-PB. 2010. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1158/1/PDF%20-%20Loren%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em 28 fev. 2024.

BRITO, S. B. R. A conquista do rio ruim: a paraíba na monarquia hispânica (1570-1630). 2020. 80 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Salamanca, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/78934017/A_conquista_do_Rio_Ruim_A_Para%C3%ADba_na_Monarquia_Hisp%C3%A2nica_1570_1630 Acesso em 17 fev. 2024.

BUENO, S. Vocabulário tupi-guarani português, 5º ed. São Paulo: Brasilivros, 1987. E-book. 629 p. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:bueno-1987-dicionario>. Acesso em 12 out. 2024.

CARDOSO, A. L. Toponímia brasílica. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961. E-book. 235 p. Disponível em: www.etnolinguistica.org. Acesso em: 11 out. 2023.

CARVALHO, M. R. Dicionário tupi antigo-português. Salvador: 1987. E-book. 324 p. Disponível em: www.etnolinguistica.org Acesso em: 11 out. 2023

CARVALHO, M. A. Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso-Mesoregião Sudeste Mato-grossense. 2010. DOI 10.11606/T.8.2010.tde-06102010-100017 Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06102010-100017/publico/2010_Maria Aparecida Carvalho.pdf Acesso em 25 mar. 2024.

CHITOLINA, V. Toponímia indígena na região oeste de Santa Catarina: patrimônio etnolinguístico. *Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba*, v. 10, n. 2, p. 157-168, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/21739> Acesso em: 11 out. 2023.

CLEOMÁRIA G. S.; ALEXANDRE F. A. Levantamento de plantas alimentícias da caatinga no sítio nazaré, município de Milagres-CE, Brasil. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, [2016]. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2016/TRABALHO_EV064_MD4_SA14_ID680_09102016151357.pdf. Acesso em 01 abr 2014.

CLEROT, L. F. 30 anos na Paraíba. Rio de Janeiro: Editora Pongeti, 1969. E-book. 84 p. disponível em: www.etnolinguistica.org. Acesso em: 11 out. 2023.

CUNHA, A. G. Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. 3 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1989. 357 p

_____. Dicionário etimológico da língua portuguesa 4 ed. São Paulo: Lexikon, 2010. 712 p

DICK, M. V. P. A. Toponímia e linguas indígenas do Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 435-6, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/59.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

_____. A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

_____. Aspectos genéricos da toponímia indígena brasileira e sua distribuição linguística. Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 1-15, abril-junho 1981. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 28 set. 2023.

_____. Os vocábulos toponímicos básicos no vocabulário na língua brasílica e sua relação geográfica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, v. 31, p. 95-11, 1990. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 28 set. 2023.

DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.) O português e o tupi no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-47 .

_____. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. O português e o tupi no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-110.

FERREIRA, R. C. S. Estudo toponímico: uma análise acerca dos topônimos de origem indígena identificados no município de inhangapi-Pa. 2018. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Castanhal. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/2895> Acesso em: 28 set. 2023.

HERCKMAN, E. Descrição geral da Capitania da Parahyba. Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, Recife, tomo v, n. 31, p. 239-288, Dez. 1886. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/herckman_1886_parahyba. Acesso em 12 mar 2023.

ISQUERDO, A. N. (org.). Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos, Campo Grande, v.1, p. 9-20, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3491> Acesso em: 28 set. 2023.

JACINTO, R.; INOCÊNCIO, O. B. N.; DIRCE, M. A. S. Toponímia, identidade e processo de colonização do estado da Paraíba-Brasil. Sociedade e memória dos territórios, Lisboa v. 43, p. 137-170, 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/580034938/Iberografias-43> Acesso em: 28 set. 2023.

MACHADO, A.; TEIXEIRA, M. C. R. O onoma indígena na nomeação dos quilombos do litoral norte e agreste baiano. *Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro vol. 21, n. 3, p. 1039-1050, 2017. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo1/075.pdf. Acesso em : 11 out. 2023.

MEDEIROS, C. *Dicionário corográfico do estado da Paraíba*. João Pessoa: Editora IFPB, 2016. E-book. 301 p. Disponível em: <http://editora.ifpb.edu.br/index.php/ifpb/catalog/book/10>. Acesso em jan 2023.

NAVARRO, E. A. *Dicionário tupi antigo*. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2013. 620 p.

_____. A toponímia indígena artificial no Brasil: uma classificação dos nomes de origem tupi criados nos séculos XIX e XX. *Revista Letras Raras*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 252-267, jun. 2020. DOI 10.35572/rlr.v9i2.1700. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342189795_A_toponimia_indigena_artificial_no_Brasil_uma_classificacao_dos_nomes_de_origem_tupi_criados_nos_seculos_XIX_e_XX. Acesso em: out. 2023.

PEREIRA, R. R.; NADIN, O. L. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10946>. Acesso em 04 dez 2023.

RODRIGUES, A. D. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português no Brasil. In: NOLL, V.;

_____, “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.” *D.E.L.T.A*, São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 83-103, 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45596>. Acesso em: 28 set. 2023.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1987. E-book. 363 p. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi. Acesso em: dez. 2023.

SANTOS, C. A. N.. Motivações botânicas e religiosas na toponímia contemporânea em Sergipe. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 68, p. 568-596, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/41964> Acesso em: 28 set. 2023.

SANTOS, L. N. S.; RODRIGUES, Carmen L. R. A hierotoponímia no município de Vigia de Nazaré-Pa. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 79, p. 1-13, Abr. 2021. Disponível em <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/7> Acesso em: 11 out. 2023.

SCHRADER-KNIFFKI, M. O nheengatu atual falado na Amazônia brasileira. Espaço comunicativo, política linguística e perspectiva dos falantes. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. O português e o tupi no Brasil: São Paulo: Contexto, 2010. p .211-229.

SCHMIDT-RIESE, R. Anchieta 1595 e Figueira 1621. Representações da gramática do tupinambá. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. O português e o tupi no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010. p. 49-59.

SILVA, C. A. N.; ISQUERDO, A. N. Topônimos de base indígena do município de Aparecida do Taboado (MS): um estudo sobre as taxionomias. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n 67, p. 1287-1303, Abr. 2017. Disponível em: [http:// www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/083.pdf](http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/083.pdf). Acesso em: 12 mar. 2024.

SOUZA, A. M.; MARTINS, R. M. A motivação toponímica na escolha dos nomes geográficos de origem indígena da zona rural da regional do baixo Acre. *Revista Tropos*, Rio Branco, v. 6, n. 2, p. 1-16, Dez 2017. Disponívem em: [https:// periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1291](https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1291). Acesso: 11 out. 2023.

TAVARES, M.; ISQUERDO, A. N. Subsídios para um dicionário de topônimos: o registro da motivação na construção dos verbetes. *Alfa*, São Paulo, v. 66, p. 1-28, 2022. DOI 10.1590/1981-5794-e15571. Disponível em: [https:// www.scielo.br/j/alfa/a/BjzD6rtRtbPSNdZHQZcn8Sr/abstract/?lang=pt#](https://www.scielo.br/j/alfa/a/BjzD6rtRtbPSNdZHQZcn8Sr/abstract/?lang=pt#) Acesso em 06 jan. 2024.

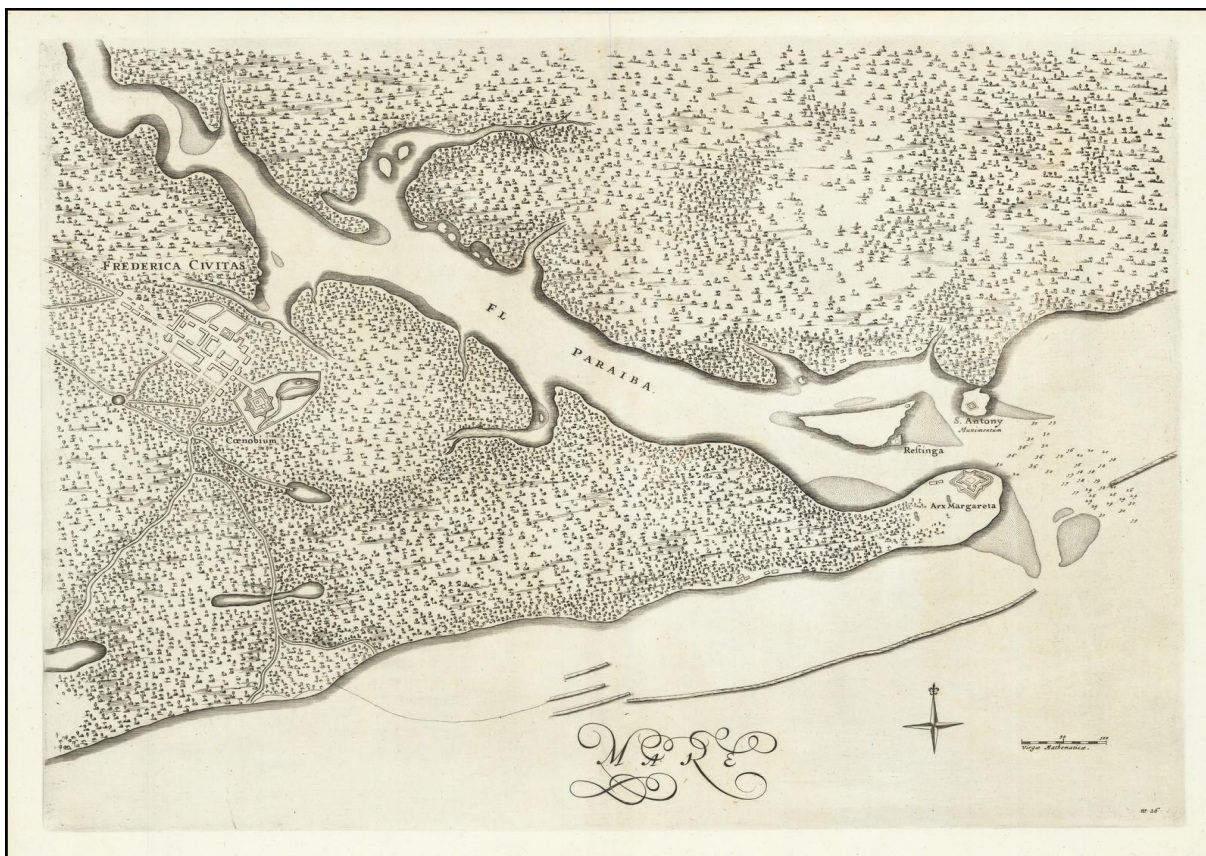
TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário tupi-português. 2 ed. São Paulo: Traço Editora Ltda, 1984. 200 p

_____. Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi. 1 ed. São Paulo: Traço Editora, 1985. 197 p

TUFFANI, E. Introdução ao tupi. Confluência, Assis-SP, v. 1, n. 2, p. 97-108, 1994. Disponível em: [http:// www.etnolinguistica.org /local--files/artigo:tuffani-1994/ tuffani_1994_introducao.pdf](http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:tuffani-1994/tuffani_1994_introducao.pdf). Acesso em: 28 set. 2023.

ANEXO 1

Figura 1 - Estuário do Rio Paraíba. “Frederica Civitas”. Joan Blaeu, 1647. Universiteitsbibliotheek Leiden.



Fonte: Brito (2020)

ANEXO 2

Figura 1 - Detalhe do Rio Paraíba e da Cidade de Frederica (Filipeia) “Imagem da cidade e fortalezas da Parayba”. Visscher, 1634 Universiteitsbibliotheek Leiden.



Fonte: Brito (2020)